



L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL  EM PORTUGUÊS*Unicuique suum Non praevalerunt*

Ano XLIX, número 25 (2.521)

Cidade do Vaticano

quinta-feira 21 de junho de 2018

Mensagem para o dia mundial de 18 de novembro

Não podemos ficar indiferentes ao grito dos pobres

«A responsabilidade da gestão global e partilhada da migração internacional» foi reiterada pelo Papa com uma firme exortação a toda a comunidade internacional para que coopere no desafio do fenómeno. As suas palavras ressoaram a 14 de junho no sugestivo cenário dos jardins do Vaticano, na Casina Pio IV onde se realizou um colóquio sobre este tema entre a Santa Sé e o México. O Pontífice pronunciou-se através de uma mensagem lida pelo arcebispo Paul Richard Gallagher, secretário para as Relações com os Estados e explicou que para poder «dar res-

posta ao fenómeno é necessária a ajuda de toda a comunidade internacional». Aliás, afirmou, «a cooperação internacional é importante em todas as etapas da migração».

Francisco esclareceu que nos fenómenos migratórios não estão «em questão só números mas pessoas que precisam de uma proteção contínua, independentemente do seu status». De facto, «os seus direitos fundamentais e a sua dignidade devem ser protegidos e defendidos».

Em relação aos trabalhos do colóquio o Papa recordou que foram realizados na comemoração dos vinte e

cinco anos do restabelecimento das relações diplomáticas entre o México e a Santa Sé, pedindo que se consolidem «os vínculos de colaboração a favor dos necessitados e dos descartados da sociedade». E precisamente a estas categorias de mulheres e de homens foi dedicado o segundo dia mundial dos pobres, instituído por Francisco na conclusão do jubileu

da misericórdia no 33º domingo do tempo comum, que este ano será no dia 18 de novembro. Em vista do evento o Pontífice difundiu uma mensagem centrada nos verbos «gritar», «responder» e «libertar» que se encontram no tema: «Este pobre grita e o Senhor escuta-o».

PÁGINAS 7, 8 E 9

No Angelus novo apelo a favor dos refugiados

Humanidade na proteção dos migrantes

«Um entendimento» entre os Estados «a fim de garantir, com responsabilidade e humanidade, assistência e proteção a quem é forçado a deixar o próprio país»: desejou o Papa no Angelus de 17 de junho, na praça de São Pedro, falando do dia mundial do refugiado que se celebrou quarta-feira 20, proclamado pelas Nações Unidas. Promovido «para chamar a atenção sobre quanto vivem, muitas vezes com grandes ansiedades e sofrimentos, os nossos irmãos obrigados a fugir da sua terra devido a conflitos e perseguições», o dia deste ano «coincide – explicou o Pontífice – com o ápice das consultas entre os governos para a adoção de um pacto mundial sobre os refugiados, que se pretende adotar até ao final do ano, como aquele para uma migração segura, ordenada e regular».

Antes da prece mariana, comentando o evangelho proposto pela liturgia dominical, Francisco falou do reino de Deus que «cresce no mundo de maneira misteriosa, surpreendente, revelando o poder escondido da pequena semente, a sua vitalidade vitoriosa».

PÁGINAS 4 E 5



Migrantes mexicanos a caminho da fronteira com os Estados Unidos

Rumo ao sínodo sobre os jovens

Apresentado o Instrumentum laboris

Reconhecer, interpretar, escolher: são os três verbos que ritmam o texto do Instrumentum laboris da décima quinta assembleia geral ordinária do sínodo dos bispos, programado de 3 a 28 de outubro sobre o tema: «Os jovens, a fé e o discernimento vocacional».

Apresentado a 19 de junho, na Sala de imprensa da Santa Sé, o documento reúne e sintetiza os diversos contributos recebidos pela secretaria geral do Sínodo graças ao amplo trabalho de consulta promovido a partir do fim de 2016, quando o Papa anunciou o tema da assembleia.

O documento parte de uma análise atenta do atual contexto no qual as novas gerações vivem, procurando fazer «o balanço da condição juvenil» e dando voz também às situações mais difíceis e problemáticas. Em particular, são indicados alguns específicos «desafios antropológicos e culturais» que a Igreja está chamada a enfrentar hoje no âmbito do seu compromisso pastoral em relação aos jovens.

O Papa em Genebra para os setenta anos de vida do Conselho ecuménico das Igrejas

Como peregrino

Francisco partiu esta manhã, 21 de junho, para Genebra por ocasião dos setenta anos de vida do Conselho ecuménico das Igrejas (Wcc). Pouco mais de treze horas, ritmadas por três importantes encontros públicos, cujos pronunciamentos publicaremos no próximo número: a oração comum no centro ecuménico do Wcc, o encontro vespertino no Visser't Hooff Hall do mesmo centro e a missa para a comunidade católica do país no Palaexpo de Genebra.

Às associações familiares

Políticas mais abertas ao dom dos filhos

PÁGINAS 2 E 3

Precedentemente, ao saudar os grupos de língua alemã presentes na praça de São Pedro para a audiência geral de quarta-feira 20, vigília da viagem à cidade suíça, pediu aos fiéis para o acompanhar com a oração na sua peregrinação ecuménica.

O Pontífice, prosseguindo o ciclo de catequeses sobre os mandamentos, refletiu sobre o termo «decálogo», que corresponde à expressão «as dez palavras» utilizada na tradição judaica e evocou o capítulo 20 do livro do Êxodo: «Deus pronunciou todas estas palavras». Fricou a distinção entre os termos «ordem» e «palavra». O primeiro, «é uma comunicação que não requer diálogo», enquanto o segundo é «o meio essencial do relacionamento como diálogo». Os mandamentos «são palavras de Deus: Deus comuni-



ca-se nestas dez palavras e espera a nossa resposta». Eis por que na sua vida o cristão é posto diante de uma escolha.

PÁGINA 16

A paciência da suportação recíproca

Discurso pronunciado pelo Santo Padre

Publicamos a seguir o texto integral do discurso improvisado pelo Papa Francisco durante a audiência ao Fórum das Associações familiares, que teve lugar no final da tarde de 16 de junho, na Sala Clementina.

Bom dia a todos!

Eu pensava pronunciar um discurso de boas-vindas... Mas ouvindo Gianluigi, vi que nas suas palavras havia fogo, havia mística. Foi algo grandioso: há muito que não ouvia falar da família com tanta paixão. E é preciso ter coragem para o fazer hoje! É preciso coragem. E portanto, obrigado! Preparei um discurso, mas depois do fervor com o qual ele falou, achei que o meu parece frio. Entrego-o, para que seja distribuído e depois o publicarei.

Enquanto ele falava, vinham à minha mente e ao coração muitas coisas, muitas realidades sobre a família, coisas que não se dizem, não são ditas normalmente ou, se se dizem, são ditas de maneira bem educada, como se fosse uma escola sobre a família... Ele falou com o coração, e todos vós quereis falar assim. Inspirar-me-ei no que ele disse e também eu gostaria de falar com o coração, e dizer o que senti no coração enquanto ele falava.

Ele usou uma expressão: “olhar-se nos olhos”. O homem e a mulher, o marido e a esposa, olham-se nos olhos. Conto-vos um episódio. Gosto de cumprimentar os casais que comemoram as bodas de ouro ou de prata durante as audiências... inclusive quando vêm à Missa em Santa Marta. Certa vez, havia um casal que comemorava sessenta anos de casamento. Mas eram jovens, porque se tinham casado com dezoito anos, como nos velhos tempos. Naqueles tempos casava-se jovem. Hoje, até que se case um filho... pobres mães! Mas a receita é clara: não passar a ferro as camisas, e assim casará cedo ou não? Vejo esse casal diante de mim, eles olhavam para mim... Eu disse: “Sessenta anos! Mas sentis ainda o mesmo amor?” E eles, que olhavam para mim, fitaram-se, depois de novo olharam para mim, e notei que tinham os olhos molhados. Os dois disseram-me: “Estamos apaixonados”. Nunca esquecerei isto. “Depois de sessenta anos estamos apaixonados”. O calor da família que cresce, o amor que não é um amor de romance. É um amor verdadeiro. Permanecer apaixonados por toda a vida, com tantos problemas que surgem... Mas apaixonados.

Outra pergunta que faço aos cônjuges que festejam cinquenta ou sessenta anos de união: “Qual de vós teve mais paciência?”. É matemático, a resposta é: “Os dois”. Bonito isto! É indicador de uma vida partilhada,

uma vida a dois. A paciência de se suportar reciprocamente.

Aos jovens recém-casados que me dizem: “Casamos há um mês, dois meses...”, faço esta pergunta: “Dis-cutiis?” Geralmente dizem: “sim”. “Certamente isto é importante. Mas é ainda mais importante não acabar o dia sem fazer as pazes”. Por favor, ensinais isto: é normal que se discuta, porque somos pessoas livres, e se houver um problema devemos esclarecê-lo. Mas não terminar o dia sem fazer as pazes. Porquê? Porque a “guerra fria” do dia seguinte é muito perigosa. Com estes três episódios desejei introduzir o que gostaria de vos dizer.



Wayne Potrafka, «Júbilo»

A vida de família: é um sacrifício, mas um bom sacrifício. O amor é como preparar a massa: todos os dias. O amor no matrimónio é um desafio, para o homem e para a mulher. Qual é o maior desafio do homem? Tornar mais mulher a sua esposa. Mais mulher. Que cresça como mulher. E qual é o desafio da mulher? Tornar mais homem o seu marido. E assim ambos vão em frente. Prosseguem.

Outra virtude que ajuda muito na vida conjugal é a paciência: saber esperar. Esperar. Na vida há situações de crise – crises fortes, difíceis – e às vezes chegam também tempos de infidelidade. Quando não se pode resolver o problema naquele momento, é preciso a paciência do amor que espera, que espera. Muitas mulheres – porque é mais típico da mulher que do homem, mas às vezes

até o homem o faz – muitas mulheres no silêncio esperaram, olhando para o outro lado, esperando que o marido voltasse à fidelidade. Isto é santidade. A santidade que perdoa tudo, porque ama. Paciência. Muita paciência, de um para com o outro. Se um deles estiver nervoso e gritar, não responder com outro grito... Ficar em silêncio, deixar passar a tempestade e depois, no momento oportuno, falar sobre o assunto.

Há três palavras que são mágicas, mas importantes no matrimónio. Antes de tudo, “com licença”: não seja inoportuno com o outro. “Posso?”, respeito de um pelo outro. Segunda palavra: “Desculpa”. Pedir desculpa é tão importante! Todos erramos na vida, todos. “Desculpa, fiz isto...”, “desculpa, esqueci...”. Isto ajuda a ir em frente. Ajuda a levar em frente a família, a capacidade de pedir desculpa. É verdade, pedir desculpa pressupõe sempre um pouco de vergonha, mas é uma santa vergonha! “Desculpa, esqueci-me...”. É algo que ajuda muito a prosseguir. É a terceira palavra: “Obrigado”. Ter a grandeza de coração de agradecer sempre.

Falaste da *Amoris laetitia*, e disseste: “Aqui a *Amoris laetitia* fez-se carne”. Gosto de ouvir isto: lede, lede o capítulo quatro. Este capítulo é o cerne da *Amoris laetitia*. É precisamente a espiritualidade diária da família. Alguém reduziu a *Amoris laetitia* a uma estéril casuística do “pode-se, não se pode”. Não entenderam nada! Na *Amoris laetitia* não se es-

condem os problemas da preparação para o matrimónio. Ajudais os noivos a prepararem-se: é preciso dizer tudo claramente, não é? Claramente. Certa vez uma mulher disse-me, em Buenos Aires: “Mas vós, sacerdotes, sois astutos...” – “Porquê?” – “Para vos tornardes padres, estudais oito anos, preparais-vos durante oito anos. E depois de alguns anos, se algo não correr bem, escreveis uma linda carta para Roma; e lá dão-vos a autorização, e podeis casar. Ao contrário, a nós que nos administram um Sacramento para toda a vida, contentais-nos com três ou quatro encontros de preparação. Isto não é justo”. E tinha razão aquela senhora. Preparar para o matrimónio: sim, são necessárias algumas conferências, explicações, mas são necessários homens e mulheres, amigos, que falem aos noivos e os aju-

dem a amadurecer no caminho. E podemos dizer que hoje é preciso um catecumenato para o matrimónio, igual ao do Batismo. Preparar, ajudar a preparar-se para o matrimónio.

Outro problema tratado na *Amoris laetitia* é a educação dos filhos. Não é fácil educá-los. Hoje eles são mais espertos do que nós! No mundo virtual sabem mais do que nós. Mas é preciso educá-los para a comunidade e para a vida familiar. Educá-los para o sacrifício de uns pelos outros. Não é fácil. São grandes problemas. E vós, que amais a família, podeis ajudar muito as outras famílias. A família é uma aventura. Uma linda aventura! E hoje – digo com sofrimento – vemos que muitas vezes se deseja dar início a uma família e realizar um matrimónio como se fosse uma lotaria: “Vamos. Se der certo, bem. Se não der, anulamos tudo e começamos de novo”. Uma superficialidade em relação ao maior dom que Deus ofereceu à humanidade: a família. Porque depois da narração da criação do homem, Deus mostra que criou o homem e a mulher à sua imagem e semelhança. E o próprio Jesus, quando fala do matrimónio, diz: “O homem deixará pai e mãe e com a sua esposa tornar-se-ão uma só carne”. Porque são imagem e semelhança de Deus. Sois ícones de Deus: a família é ícone de Deus. O homem e a mulher: são precisamente a imagem de Deus. Ele disse-o, não sou eu quem o diz. E isto é grandioso, é sagrado.

Hoje – dói dizê-lo – fala-se de famílias “diversificadas”: diferentes tipos de família. Sim, é verdade que o termo “família” é uma palavra analógica, porque se fala da “família” das estrelas, das “famílias” das árvores, das “famílias” dos animais... é uma palavra analógica. Mas a família humana como imagem de Deus, homem e mulher, é uma só. Única. Pode ser que um homem e uma mulher não sejam crentes: mas se se amarem e se unirem em matrimónio, são imagem e semelhança de Deus, mesmo que não acreditem. É um mistério: São Paulo chama-o “grande mistério”, “sacramento grande” (cf. *Ef* 5, 32). Um verdadeiro mistério. Gostei de tudo o que disseste e também da paixão com a qual o disseste. E assim devemos falar da família, com paixão.

Certa vez, penso há um ano, telefonei a um meu parente que se ia casar. Com quarenta anos. No final, perguntei-lhe: “Diz lá: em qual igreja te casas?” – “Ainda não sabemos porque estamos a procurar uma igreja que combine com o vestido que usará...” – e disse o nome da noiva – e temos o problema do restauran-

CONTINUA NA PÁGINA 3

L'OSSERVATORE ROMANO

EDIÇÃO SEMANAL EM PORTUGUÊS
Unicuique suum Non praevalebunt

Cidade do Vaticano
ed.portugues@ossrom.va
www.osservatoreromano.va

GIOVANNI MARIA VIAN
diretor

Giuseppe Fiorentino
vice-diretor

Redação
via del Pellegrino, 00120 Cidade do Vaticano
telefone +39069899420
fax +39069883975

TIPOGRAFIA VATICANA EDITRICE
L'OSSERVATORE ROMANO

Serviço fotográfico
telefone +39069884797
fax +39069884998
photo@ossrom.va

Assinaturas: Itália - Vaticano: € 58,00; Europa: € 100,00 - U.S. \$ 148,00; América Latina, África, Ásia: € 110,00 - U.S. \$ 160,00; América do Norte, Oceânia: 162,00 - U.S. \$ 240,00.

Administração: telefone +39069899480; fax +39069885164; e-mail: assinaturas@ossrom.va

Para o Brasil: Impressão, Distribuição e Administração: Editora santuario, televidens: 0800-160004, fax: 0052123042036, e-mail: ossrom@editorasantuario.com.br

Publicidade Il Sole 24 Ore S.p.A., System Comunicazione Pubblicitaria, Via Monte Rosa, 91, 20149 Milano, segreteria@ilsole24ore.com

Audiência ao Fórum das associações familiares

Políticas mais abertas ao dom dos filhos

Em seguida publicamos o texto do discurso preparado e entregue pelo Pontífice durante a audiência concedida ao Fórum das associações familiares, que teve lugar no final da manhã de 16 de junho, na sala Clementina.

Prezados irmãos e irmãs!

Dou-vos as boas-vindas e dirijo uma afetuosa saudação a vós e ao vosso Presidente, ao qual agradeço as suas palavras. Este encontro permite-me conhecer de perto a vossa realidade, o Fórum das Famílias, instituído há vinte e cinco anos. No seu conjunto ele reúne mais de quinhentas associações, e é verdadeiramente uma rede que põe em evidência a beleza da comunhão e a força da partilha. Trata-se de uma particular “família de famílias”, de tipo associativo, através da qual experimentais a alegria do viver juntos e, ao mesmo tempo, assumis o seu compromisso, fazendo vosso o esforço pelo bem comum, que deve ser construído cada dia, tanto no âmbito do Fórum, como no contexto mais amplo da sociedade.

A família, que vós promoveis de vários modos, está no centro do projeto de Deus, como mostra toda a história da salvação. Por um misterioso desígnio divino, a complementaridade e o amor entre o homem e a mulher tornam-nos cooperadores do Criador, que lhes confia a tarefa de gerar para a vida criaturas novas, cuidando do seu crescimento e da sua educação. O amor de Jesus pelas crianças, a sua relação filial com o Pai celeste, a sua defesa do vínculo conjugal, que declara sagrado e indissolúvel, revelam plenamente o lugar da família no projeto de Deus: como berço da vida e primeiro lugar do acolhimento e do amor, ela desempenha um papel essencial na vocação do homem, e é como uma janela que se abre de par em par sobre o próprio mistério de Deus, que é Amor na unidade e na trindade das Pessoas.

O nosso mundo, muitas vezes tentado e guiado por lógicas individualistas e egoístas, não raramente perde o sentido e a beleza dos vínculos estáveis, do compromisso a favor das pessoas, do cuidado incondicional, da assunção de responsabilidades em benefício do próximo, da gratuidade e do dom de si. Por este motivo temos dificuldade de compreender o valor da família, e acabamos por a conceber em conformidade com aquelas mesmas lógicas que privilegiam o indivíduo, e não os relacionamentos e o bem comum. E isto, não obstante nos últimos anos de crise económica a família tenha representado o mais poderoso amortecedor social, capaz de redistribuir os recursos segundo a necessidade de cada um.

Pelo contrário, o pleno reconhecimento e o apoio adequado à família deveriam representar o primeiro interesse da parte das instituições civis, chamadas a favorecer a constituição e o crescimento de famílias sólidas e serenas, que se ocupem da educação

dos filhos e cuidem das situações de fragilidade. Com efeito, quem aprende a viver relações autênticas no âmbito da família será mais capaz de as viver também em contextos mais vastos, da escola ao mundo do trabalho; e quem se exercita no respeito e no serviço em casa, poderá praticá-los melhor inclusive na sociedade e no mundo.

Pois bem, o objetivo de um apoio mais forte às famílias e de uma valorização mais adequada deve ser alcançado através de uma incansável obra de sensibilização e de diálogo. Este é o compromisso que o Fórum desempenha há vinte e cinco anos, durante os quais vós realizastes uma grande quantidade de iniciativas, estabelecendo uma relação de confiança e de colaboração com as instituições. Exorto-vos a dar continuidade a esta obra, tornando-vos promotores de propostas que mostrem a beleza da família, e que quase obrigam, porque são convincentes, a reconhecer a sua importância e a sua preciosidade.

Portanto, encorajo-vos a dar testemunho da alegria do amor, que ilustra na Exortação Apostólica *Amoris laetitia*, onde recolhi os frutos do providencial percurso sinodal sobre a família, realizado pela Igreja inteira. Com efeito, não há melhor argumento do que a alegria, a qual, transparecendo a partir de dentro,



prova o valor das ideias e da experiência vivida, indicando o tesouro que descobrimos e que desejamos compartilhar.

Por conseguinte, impelidos por esta força, sereis cada vez mais capazes de tomar a iniciativa. O Apóstolo Paulo recorda a Timóteo que «Deus não nos concedeu um espírito de timidez, mas de fortaleza, de amor e de sabedoria» (2 Tm 1, 7). Tal seja o espírito que anima também a vós, ensinando-vos o respeito mas inclusive a audácia, a pôr-vos em jogo e a procurar novos caminhos, sem medo! Foi o estilo que eu pedi à Igreja inteira, desde a minha primeira e programática Exortação Apostólica, quando usei o termo

“*primerear*”, que sugere a capacidade de ir com coragem ao encontro dos outros, de não se fechar na própria comodidade, mas de procurar pontos de convergência com as pessoas, de lançar pontes, indo à procura do bem, onde quer que ele se encontre (cf. *Evangelii gaudium*, 24). Deus é o primeiro que *primerear* no que nos diz respeito: se o conhecermos verdadeiramente, não poderemos esconder-nos, mas teremos que sair e agir, empregando os nossos talentos.

Obrigado porque vos esforçais por fazer isto! Obrigado pelo compromisso que prodigalizais, como pede o vosso Estatuto, a favor de

CONTINUA NA PÁGINA 11

Discurso pronunciado pelo Papa

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 2

te...”. Pensai... o importante era isto. O que é secundário toma o lugar do que é importante. O importante é amar-se, receber o sacramento, ir em frente...; e depois preparai as festas que quiserdes, todas.

Conheci um casal com dez anos de matrimónio. Sem filhos. É muito delicado falar sobre isso, porque muitas vezes desejam filhos mas não conseguem tê-los, não é? Não sabia como gerir este argumento. Depois soube que eles não queriam filhos. Mas estas pessoas em casa tinham três cães, dois gatos... É bom ter um cão, um gato, é bonito... Ou quando ouves que te dizem: “sim, sim, mas filhos ainda não porque temos que comprar uma casa no campo, depois viajar...”. Os filhos são o maior dom. Os filhos devem ser recebidos como vêm, como Deus os manda, como Deus permite – até quando são doentes. Ouvi dizer que está na moda – ou pelo menos é habitual – nos primeiros meses de gravidez fazer certos exames para verificar se a criança está bem ou se nascerá com algum problema... A primeira proposta neste caso é: “O que fazemos? Interrompemos?”. O homicídio dos bebês. E para ter uma vida tranquila, mata-se um inocente.

Quando eu era jovem, a professora ensinava-nos história e diziamos o que os espartanos faziam

quando um bebê nascia com deficiência: levavam-nos ao cimo da montanha e lançavam-nos de lá para baixo, a fim de garantir “a pureza da raça”. E nós permanecíamos chocados: “Mas como se pode fazer isto, pobres bebês!”. Era uma atrocidade. Hoje fazemos o mesmo. Porventura, questionais-vos por que já não se veem anões pelas ruas? Porque o protocolo de muitos médicos – tantos, mas não todos – é perguntar: “Nasce com defeito?”. Digo-o com sofrimento. No século passado o mundo inteiro escandalizou-se pelo que os nazistas fizeram para obter a pureza da raça. Hoje fazemos o mesmo, mas com luvas brancas.

Família, amor, paciência, alegria, e dedicar tempo à família. Falaste de algo horrível: que não é possível “dedicar tempo”, porque para ganhar hoje devemos ter dois trabalhos, pois a família não é considerada. Falaste também dos jovens que não podem casar porque não têm trabalho. A família está ameaçada pela falta de trabalho.

E gostaria de concluir com um conselho que me deu certa vez um professor – durante a aula – docente de filosofia, o decano. Eu frequentava o seminário, estava na etapa da filosofia. Havia o tema da maturidade humana, na filosofia estudamos isto. E ele disse: “Qual é o critério diário para saber se um ho-

mem, um sacerdote é maduro?”. Respondíamos algumas coisas... E ele: “não, algo mais simples: uma pessoa adulta, um sacerdote, é maduro se for capaz de brincar com as crianças”. Este é o teste. E a vós digo: dedikai tempo às crianças, aos vossos filhos, brincai com os vossos filhos. Não lhes digais: “Não me apoquentes!”. Certa vez ouvi um jovem pai de família dizer: “Padre, quando saio para o trabalho, eles dormem. Quando volto, dormem”. É a cruz desta escravidão do modo injusto de trabalhar que a sociedade hoje nos impõe.

Disse que este seria o último comentário. Não, é o penúltimo. O último é este que digo agora, porque não quero esquecê-lo. Falei sobre as crianças como tesouro de promessa. Mas há outro tesouro na família: os avós. Por favor, cuidai dos avós! Fazei com que os avós falem, que as crianças falem com os avós. Acariciai os avós, não os afastéis da família porque incomodam, porque repetem as mesmas coisas. Amai os avós e que eles falem com as crianças.

Obrigado a todos vós. Obrigado pela paixão, pelo amor que tendes pela família. Obrigado por tudo! E em frente com coragem. Obrigado!

Agora, antes de vos conceder a bênção, rezemos a Nossa Senhora: “Ave Maria...”.

Apoio do Papa à campanha da Cáritas

Fraternidade para com os migrantes



«Uma renovada fraternidade para com os migrantes e refugiados» foi desejada pelo Papa Francisco na mensagem enviada aos participantes na iniciativa «A refeição do encontro», organizada no dia 19 de junho no refeitório «São João Paulo II» na rua Marsala, pela Cáritas da cidade de Roma, pela Cáritas italiana e pela «Caritas internationalis», no âmbito da campanha Share the Journey («Compartilhar o caminho»).

Estimados irmãos e irmãs!

Com esta mensagem, desejo encorajar-vos a prosseguir o vosso caminho com os migrantes e os refugiados, e a partilhar com eles uma refeição, como aquela organizada aqui pela Cáritas.

Como Cáritas, aceitastes o convite a lançar uma iniciativa de sensibilização a nível mundial, a favor dos migrantes e dos refugiados: trata-se da campanha «Compartilhar o caminho», que inauguramos juntos no passado dia 27 de setem-

bro. Hoje, gostaria de convidar todos – migrantes, refugiados, agentes da Cáritas e instituições – a identificar os traços deste percurso que mais vos marcaram: qual esperança anima o vosso caminho? Procurai partilhar este pensamento e «festejar» por aquilo que nos une.

Por fim, desejo encorajar-vos, a vós da Cáritas, a comunidade dos fiéis com os seus pastores e todas as pessoas de boa vontade, a criar sempre novos espaços de partilha, a fim de que dos nossos encontros possa germinar uma renovada fraternidade para com os migrantes e os refugiados.

Abençoe de coração o vosso refeitório e desejo-vos bom almoço.

Vaticano, 19 de junho de 2018

Franciscus

Às teatinas da Imaculada Conceição

Com as ilusões não nos saciamos

«Há também corações famintos e sedentos. Ide saciar aquela fome, aquela sede, onde não há a capacidade de se saciar com aquela ilusão, a ilusão das luzes que não dão vida, das luzes que não iluminam»: pediu o Papa às irmãs teatinas da Imaculada Conceição, que recebeu em audiência na manhã de sábado, 16 de junho, na Sala do Consistório, por ocasião do quarto centenário da morte da fundadora Úrsula Benincasa.

Queridas Irmãs!

Dou-vos as boas-vindas e alegro-me por o poder fazer quando estais a celebrar o quarto centenário do regresso à casa do Pai da vossa fundadora, a Venerável Úrsula Benincasa. Agradeço-vos o bem que fazeis na Igreja e onde trabalhais pelo Reino de Deus: América, África e Europa. Convosco saúdo também os Padres Teatinos que vos acompanham. Sabeis que nós, jesuítas, temos com os Teatinos uma história um pouco antipática... houve um desentendimento na época de Paulo IV, há muito tempo. Agora somos amigos. Vós estais ligadas a eles de modo particular desde quando a Madre Úrsula, pouco antes de falecer, confiou a sua

obra e as suas Regras aos Clérigos Regulares Teatinos, devido à grande estima que tinha por eles.

Úrsula Benincasa foi uma mulher contemplativa, e quero frisar isto: a contemplação. Como o profeta Jeremias, também ela se sentiu atraída pelo Senhor e se deixou seduzir (cf. Jr 20, 7). Durante toda a sua vida procurou a conformação total com Cristo crucificado, graças também às experiências místicas. Apaixonada pela Eucaristia, fez deste Sacramento o centro e o alimento da sua vida. Radicada em Cristo e atraída pela luz da Imaculada Conceição, deixou-vos um carisma que é inseparavelmente cristocêntrico e mariano; e, como testamento, viver «sem outra



regra a não ser o amor». E isto não é fácil! A partir desta centralidade de Cristo na sua vida, soube compreender as necessidades das pessoas, sobretudo dos jovens, vivendo para a glória de Deus e para a salvação das almas.

Sobre esta estrutura espiritual, na qual Cristo é o único sumo bem, se baseia diariamente a vossa vida de oração. Uma oração que, longe de vos separar do mundo e das suas necessidades, vos leva a amar o mundo do modo como o Senhor o ama e o quer. De maneira especial, leva-vos a dedicar-vos à educação e à formação das novas gerações, atentas à sua promoção humana e ao seu crescimento na fé; isto sem descuidar a vossa presença ao lado das pessoas sofredoras, nas quais reconhecéis Cristo crucificado. Por este caminho o Senhor vos chama a sair de vós mesmas e a ir às periferias existenciais, com liberdade de coração. Vós mesmas encontras vida dando vida, encontras esperança dando esperança, encontras a vossa razão de ser na Igreja e no mundo amando e vivendo sempre segundo a lógica da doação, a lógica do Evangelho.

Encorajo-vos a ser, a exemplo da vossa Fundadora, mestras de conhecimento experiencial de Deus. O mundo de hoje precisa de testemunhas da transcendência, de pessoas

que sejam sal da terra e luz do mundo (cf. Mt 5, 13-14), que sejam fermento na massa (cf. Mt 13, 33). Não priveis os homens e as mulheres de hoje deste alimento, tão necessário como o pão material. Juntamente com as pessoas em condições de pobreza material, há muitas que perdem o sentido da vida, corações áridos e sedentos de pão bom e de água viva, e até sem o saberem esperam encontrar Jesus. Há também corações famintos e sedentos. Ide saciar aquela fome, aquela sede, onde não há a capacidade de se saciar com aquela ilusão, a ilusão das luzes que não dão vida, luzes que não iluminam. E também a vós, como aos discípulos, Jesus diz hoje: dai-lhes de beber e de comer (cf. Mc 6, 37), aquele pão que sacia, aquela água que sacia. Se fordes abertas à ação do Espírito, Ele vos guiará a responder com criatividade ao grito dos pobres e de tantos famintos e sedentos de Deus. O próprio Espírito vos ajudará e vos perguntará: o que vos pedem o Senhor e os irmãos? Vos ajudará a permanecer acordadas, vigilantes como sentinelas do Senhor, para que a luz e o calor do amor de Deus possam alcançar as pessoas que encontrastes e despertar nelas a esperança.

Visita «ad limina» dos bispos do Uganda



Na manhã de 18 de junho, o Papa Francisco recebeu em audiência os membros da Conferência episcopal do Uganda, em visita «ad limina»

No Angelus apelo do Pontífice em vista do dia mundial do refugiado

Responsabilidade e humanidade

«Um acordo» entre os Estados «a fim de garantir, com responsabilidade e humanidade, assistência e proteção a quem é forçado a deixar o próprio país», desejou o Papa no Angelus de 17 de junho, na praça de São Pedro, falando sobre o dia mundial do refugiado que se celebra quarta-feira 20. Anteriormente o Pontífice comentou o evangelho proposto pela liturgia dominical.

Amados irmãos e irmãs, bom dia!

Na hodierna página evangélica (cf. Mc 4, 26-34), Jesus fala às multidões sobre o Reino de Deus e os dinamismos do seu crescimento, e fá-lo narrando duas breves parábolas.

Na primeira (cf. vv. 26-29), o Reino de Deus é comparado com o *crescimento misterioso da semente*, que é lançada à terra e depois germina, cresce e produz a espiga, independentemente do cuidado do agricultor, que quando ela estiver madura se ocupará da colheita. A mensagem que esta parábola nos ensina é a seguinte: mediante a pregação e a ação de Jesus, o Reino de Deus é anunciado, irrompe no campo do mundo e, como a semente, cresce e desenvolve-se por si mesmo, pela sua força e segundo critérios humanamente não decifráveis. No seu crescer e germinar dentro da história, ele não depende tanto da obra do homem, mas é sobretudo expressão do poder e da bondade de Deus, da força do Espírito Santo que leva por diante a vida cristã no Povo de Deus.

Por vezes a história, com as suas vicissitudes e os seus protagonistas, parece caminhar em sentido contrário ao desígnio do Pai celeste, que quer para todos os seus filhos a justiça, a fraternidade e a paz. Mas nós somos chamados a viver estes períodos como estações de provação, de

esperança e de expectativa vigilante da colheita. Com efeito, tanto ontem como hoje, o Reino de Deus cresce no mundo de maneira misteriosa, surpreendente, revelando o poder escondido do pequeno grão, a sua vitalidade vitoriosa. Nos meandros de vicissitudes pessoais e sociais que por vezes parecem marcar o naufrágio da esperança, é preciso permanecer confiante no agir de Deus, delicado mas poderoso. Por isso, nos momentos de escuridão e de dificuldade não devemos desanimar, mas permanecer ancorados na fidelidade de Deus, na sua presença que salva sempre. Recordai-vos disto: Deus salva sempre. É o salvador.

Na segunda parábola (cf. vv. 30-32), Jesus compara o Reino de Deus com um *pequeno grão de mostarda*. É uma semente muito pequenina, mas desenvolve-se tanto que se torna a maior de todas as plantas da horta: um crescimento imprevisível, surpreendente. Não é fácil para nós entrar nesta lógica da imprevisibilidade de Deus e aceitá-la na nossa vida. Mas hoje o Senhor exorta-nos a ter uma atitude de fé que supera os nossos projetos, os nossos cálculos, as nossas previsões. Deus é sempre o Deus das surpresas. O Senhor surpreende-nos sempre. É um convite a abriremos com mais generosidade aos planos de Deus, quer a nível pessoal



quer comunitário. Nas nossas comunidades é preciso prestar atenção às pequenas e grandes ocasiões de bem que o Senhor nos oferece, deixando-nos envolver nas suas dinâmicas de amor, de acolhimento e de misericórdia para com todos.

A autenticidade da missão da Igreja não deriva do sucesso nem da gratificação dos resultados, mas do ir em frente com a coragem da confiança e a humildade do abandono em Deus. Ir em frente na confissão de Jesus e com a força do Espírito Santo. É a consciência de sermos pequenos e débeis instrumentos, que nas mãos de Deus e com a sua graça podemos realizar obras grandes, fazendo progredir o seu Reino que é «justiça, paz e alegria no Espírito Santo» (Rm 14, 17). A Virgem Maria nos ajude a ser simples, a estar atentos, a fim de colaborarmos com a nossa fé e com o nosso trabalho no desenvolvimento do Reino de Deus nos corações e na história.

Depois da prece mariana, antes do apelo a favor dos migrantes, Francisco recordou a beatificação de Maria Carmen Rendiles Martínez na Venezuela e expressou preocupação pela grave situação humanitária no Iémen, e saudou alguns grupos de fiéis.

Amados irmãos e irmãs!

Ontem, em Caracas, foi proclamada Beata María Carmen Rendiles Martínez, fundadora das irmãs *Servas de Jesus da Venezuela*. Madre Carmen, nascida e falecida em Caracas no século passado, juntamente com as suas irmãs, serviu com amor nas paróquias, nas escolas e ao lado dos mais necessitados. Louvemos o Senhor por esta sua fiel discípula e confiemos à sua intercessão as nossas preces pelo povo venezuelano. E saudemos a nova Beata e o povo venezuelano com um aplauso!

Acompanhar com preocupação o destino dramático das populações do Iémen, já extenuadas por anos de conflito. Faço apelo à Comunidade

internacional para que não poupe esforço algum a fim de levar com urgência à mesa das negociações as partes em causa e evitar um agravamento da já trágica situação humanitária. Rezemos a Nossa Senhora pelo Iémen: «Ave Maria...».

A próxima quarta-feira será o *Dia Mundial do Refugiado*, promovido pelas Nações Unidas a fim de chamar a atenção para aquilo que vivem, muitas vezes com grandes ansiedades e sofrimentos, os nossos irmãos obrigados a fugir da sua terra por causa de conflitos e perseguições. Um Dia que, este ano, coincide com as consultas entre os Governos para a adoção de um Pacto Mundial sobre os Refugiados, que se pretende adotar até ao fim deste ano, como aquele para uma migração segura, ordenada e regular. Faço votos de que os Estados concernidos nestes processos alcancem um entendimento a fim de garantir, com responsabilidade e humanidade, assistência e proteção a quem é forçado a deixar o seu país. Mas também cada um de nós é chamado a estar próximo dos refugiados, a procurar momentos de encontro com eles, a valorizar a sua contribuição, para que se possam inserir melhor na comunidade que os recebe. Neste encontro e neste recíproco respeito e apoio está a solução de tantos problemas.

Saúdo todos vós, queridos romanos e peregrinos, em particular os provenientes da Espanha, de Malta, do Brasil — são barulhentos estes brasileiros! — dos Estados Unidos da América; os estudantes da “London Oratory School” e do “Colégio Oratório Festivo” de Novelda (Espanha).

Ouvi que entre vós há um grupo de argentinos. Recordai-vos que hoje na nossa pátria é o Dia dos pais. Recordai nas vossas orações os vossos pais.

Desejo a todos bom domingo. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Bom almoço e até à vista.

Voz dos deslocados sírios

Audiência à delegação da comunidade Papa João XXIII



Há cinco anos alguns membros da comunidade Papa João XXIII vivem, como voluntários da “operação pomba branca”, num campo de refugiados sírios no norte do Líbano. Compartilham as suas tendas, a sua vida diária e com ela todas as privações às quais são obrigados: falta de serviços básicos, de liberdade de movimento, de acesso à saúde e à educação.

Na manhã de 15 de junho, uma delegação da comunidade foi recebida em audiência pelo Pontífice, ao qual apresentou os detalhes de um projeto de paz proposto pelos próprios refugiados do campo e da aldeia de Tel Abbas, a cinco km da fronteira com a Síria. Os voluntários fizeram-se voz de quantos, geralmente, não são ouvidos pela comunidade internacional e pedem para poder regressar à própria terra, numa região segura e neutra, sem conflitos. Em particular, na aspiração comum a poder chegar quanto antes ao fim da guerra, os refugiados reivindicam o direito de fazer ouvir a própria voz: «Nas negociações de Genebra — escrevem — sejam representados também os civis que rejeitaram a guerra» e que, por isso, são obrigados a fugir e a sofrer todos os tipos de humilhação.

Cidadão europeu de 2018

Uma casa sempre aberta

GAETANO VALLINI

«É uma confirmação da bondade do caminho empreendido. Vou tentar desfrutar ao máximo a oportunidade que me foi oferecida por este prêmio, esperando que falar sobre o bem faça nascer outro bem. A nossa experiência é apenas a ponta de um iceberg. E então sinto o dever de ser o representante de todos os que estão a acolher migrantes, esforçando-se todos os dias». Não esconde a sua satisfação, mas tampouco a consciência de uma ulterior responsabilidade, Antonio Silvio Calò, de 57 anos, um dos vencedores do prestigioso Prémio do cidadão europeu de 2018, atribuído pelo parlamento de Bruxelas a pessoas ou entidades que se distinguiram pela capacidade de «fortalecer a integração europeia e o diálogo entre os povos, pondo em prática os valores da Carta dos direitos fundamentais da Ue».

Antonio Calò, em 2015, em plena emergência de desembarques em Lampedusa, marcada também por trágicos naufrágios, foi à prefeitura para manifestar a própria disponibilidade assim como da sua família — a esposa Nicoletta e os quatro filhos — a hospedar alguns migrantes na sua casa de Povegliano, a cerca de 12 km de Treviso, alguns migrantes. Receberam seis, todos jovens, empreendendo um modelo inovador de acolhimento familiar que, entre não poucas suspeitas e resmungos, en-

volveu outras realidades do território, suscitando muito interesse. Um modelo que agora o seu promotor gostaria de implementar e exportar. «Já estou a levar em frente um projeto-piloto — explicou ao nosso jornal — para replicar por toda a parte, não só na Itália, quanto experimentamos na nossa família».

Atrás de uma tal abertura escondem-se um património cultural e uma sensibilidade social fortes, aliás numa parte da Itália onde os slogans do partido da Liga Norte encontraram imediatamente um terreno fértil. E parece uma significativa coincidência o facto de que este reconhecimento chegou nos dias em que na Itália e na Europa se voltou a debater com tons áspers acerca do problema migratório. «É uma ocasião propícia para afirmar que o rosto do acolhimento é extremamente humano, que todos nós vivemos — disse Calò, professor de filosofia num liceu de Trevigiano — porque todos fomos acolhidos e todos acolhemos. Portanto, uma dimensão bonita que deve ser conjugada positivamente. Estou convicto de que este prêmio nos dará uma enorme força moral, um impulso interior a ser testemunhas corajosas. Porque devemos ter a coragem de mostrar plenamente este rosto e de não ter medo de dizer também aos políticos que, se quisermos, é possível fazer algo. Descobrimo que será uma riqueza para ambas as partes. O compromisso será cada vez mais determinado

para fazer compreender a todos que esta é uma grande oportunidade. E farei tudo o que for preciso — concluiu — a fim de que também a nível europeu se possa pensar de maneira construtiva num início de solução do problema migratório».

A entrega do prêmio vai ter lugar nos dias 9 e 10 de outubro em Bruxelas e Antonio Calò — que no ano passado já tinha recebido uma distinção honorífica das mãos do presidente da República, Sergio Mattarella — irá com a esposa e com um dos seis jovens que acolheu.

Nomeadamente, os seis jovens trabalham e estão prontos para ir embora logo que conseguirem alcançar uma condição de autonomia. Quando isto acontecer, outros vão tomar o seu lugar. A casa Calò permanece aberta.

Este ano, entre os cinquenta vencedores do Prémio do cidadão europeu, que chegou à décima primeira edição, há também outros três italianos: padre Virginio Colmegna, ex-diretor de Cáritas da Lombardia, engajado desde os anos oitenta como fundador de comunidades de acolhimento no âmbito do sofrimento psíquico e dos menores, e



A família Calò com os seis imigrantes hospedados em casa

também para a reinserção profissional de alguns detidos; Paola Scagnelli, chefe do departamento de radiologia do hospital de Lodi, que durante as férias presta o seu serviço como médica em Tabora, na Tanzânia, numa casa de acolhimento gerida pelas irmãs da Providência para a infância abandonada; e a Fundação bresciana de assistência a pessoas com deficiências mentais sem fins lucrativos, que através do Centro de habilitação para menores “Francesco Faroni”, segue gratuitamente noventa menores autistas a partir de dois anos de idade.

Portanto, pessoas e estruturas que mostram o rosto de uma Itália acolhedora e solidária.

O Pontífice agradeceu à arquidiocese de Valência

Caridade exemplar para com os migrantes

A comoção e o agradecimento do Papa Francisco pela solidariedade e o compromisso demonstrados pela comunidade católica de Valência na organização de serviços de assistência para os imigrantes que chegaram a bordo do navio Aquarius, foram expressos através de uma carta publicada a 15 de junho pelo cardeal

Antonio Cañizares Llovera no site da arquidiocese. O purpurado, que no dia anterior tinha sido recebido em audiência pelo Pontífice no Vaticano, transmitiu as palavras que lhe foram confiadas por Francisco, o qual ficou sensibilizado com a prontidão e a solidariedade mediante as quais os valencianos responderam à emergência. Ao agradecer-lhes, o Papa recordou também as ocasiões precedentes em que a arquidiocese respondeu com generosidade a algumas emergências internacionais, como quando ofereceu assistência aos vicariatos apostólicos da Amazônia no Peru. É uma atitude, explicou, que está em sintonia com o que deve ser um caminho que nunca podemos abandonar, ou seja, o da caridade. Depois, o Pontífice exortou os fiéis a ter coragem e a manter-se firmes neste caminho que é um exemplo para todos.

Também o cardeal Cañizares Llovera, dirigindo-se à sua comunidade, afirmou que ficou surpreendido com a resposta imediata recebida desde o primeiro pedido de ajuda lançado por ele depois da emergência que estava a agravar-se nas águas do Mediterrâneo: «Eis — escreveu — o exemplo que se exige de nós: caridade, estar com os pobres, ao seu lado, não com palavras mas com ações». Por conseguinte, explicou o purpurado, seguindo os ensinamentos do

Papa Francisco, a arquidiocese «está pronta a “acolher, proteger, promover e integrar migrantes e refugiados”». Pronta a fazer «tudo o que for necessário e na medida das nossas possibilidades: sem cálculos». Aliás, a triste vicissitude do Aquarius, acrescentou o purpurado «abalou as nossas consciências, talvez um pouco adormecidas, e levou-nos a ocupar-nos de quantos batem à porta do coração e da consciência coletiva dos povos e das nações. E interpelam as pessoas de boa vontade e a consciência humanitária e cristã».

A página da internet informou também que o cardeal arcebispo constituiu um gabinete de coordenação dos recursos disponíveis para a assistência aos migrantes que chegaram à cidade. Participam os colégios diocesanos, as paróquias, as organizações caritativas e toda a rede assistencial. Com efeito, todos os esforços serão empreendidos para garantir sobretudo os serviços de primeira necessidade e também para acompanhar quem for acolhido no percurso de inserção social, com especial atenção às numerosas crianças.

Premiado um vídeo do Vaticano

Estilo de acolhimento

Um vídeo que propõe as palavras do Papa Francisco para solicitar «acolhimento, proteção, promoção e integração» de migrantes e refugiados — realizado pelo Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral — foi premiado no Festival internacional da publicidade social, que teve lugar em Madrid na tarde de 15 de junho. Produzido pela agência La Machi, o vídeo — frisou o subsecretário da repartição migrantes e refugiados do Dicastério do Vaticano, o jesuíta Michael Czerny — em três minutos e meio de imagens e música propõe, em cerca de trinta línguas, os quatro verbos de ação que, segundo o Papa, devem estar no centro das atividades dos governos, das instituições e de quantos trabalham no campo da mobilidade humana: «Acolher, proteger, promover e integrar». O vídeo foi apresentado em vários âmbitos internacionais, inclusive na sede da ONU.



Imigrantes a bordo do navio Aquarius (Reuters)



Pessoas e não números

Apelo à cooperação da comunidade internacional

O segundo «colóquio Santa Sé – México sobre a migração internacional» teve lugar na quinta-feira, 14 de junho, na Casina Pio IV, no Vaticano, promovido pela Secretaria para as Relações com os Estados da Secretaria de Estado e pela embaixada deste país latino-americano junto da Santa Sé, com a colaboração da Pontifícia Academia das ciências e da Secção migrantes e refugiados do Dicastério para o serviço do desenvolvimento humano integral. Publicamos a seguir a mensagem enviada pelo Papa aos participantes no colóquio, que foi lida pelo arcebispo Paul Richard Gallagher, secretário para as Relações com os Estados.

Desejo transmitir a minha saudação a todos os participantes neste segundo Colóquio Santa Sé – México sobre a migração internacional, manifestando um agradecimento especial aos organizadores e relatores. Este encontro ocorre por ocasião do 25.º aniversário do restabelecimento das relações diplomáticas entre os Estados Unidos Mexicanos e a Santa Sé. É, por conseguinte, uma oportunidade propícia para fortalecer e renovar os nossos laços de colaboração e de entendimento a fim de continuar a trabalhar juntos em prol dos necessitados e dos descartados da sociedade.

No momento atual, em que a Comunidade internacional está engajada em dois processos que levarão a adotar dois pactos globais, um sobre os refugiados e outro sobre a migração segura, ordenada e regular, gostaria de vos encorajar na vossa tarefa e esforço a fim de que a responsabilidade da gestão global e partilhada da migração internacional encontre o seu ponto de força nos valores da justiça, da solidariedade e da compaixão. Para esta finalidade, é necessária uma mudança de mentalidade: passar da consideração do outro como uma ameaça contra o nosso conforto para o seu apreço como alguém que com a própria experiência de vida e os seus valores pode introduzir melhorias e contribuir para a riqueza da nossa sociedade. Por conseguinte, a atitude fundamental consiste em «ir ao encontro do outro, para o acolher, conhecer e reconhecer» (*Homilia durante a Missa para o Dia Mundial do Migrante e do Refugiado, 14 de janeiro de 2018*).

Para fazer face e dar resposta ao fenómeno da migração atual, é necessária a ajuda de toda a Comunidade internacional, dado que ele tem uma dimensão transnacional, que supera as possibilidades e os

meios de muitos Estados. Esta cooperação internacional é importante em todas as etapas da migração, desde o país de origem até ao destino, assim como em facilitar o regresso e o trânsito. Em cada uma destas passagens, o migrante é vulnerável, sente-se sozinho e isolado. Tomar consciência disto é extremamente importante se quisermos dar uma resposta concreta e digna a este desafio humanitário.

Por fim, gostaria de assinalar que, relativamente à questão da migração, não estão em jogo apenas números, mas pessoas, com a própria história, cultura, sentimentos e aspirações. Estas pessoas, que são nossos irmãos e irmãs, precisam de uma proteção constante, independentemente do seu status migratório. Os seus direitos fundamentais e a sua dignidade devem ser protegidos e defendidos. Uma atenção especial há de ser reservada aos migrantes menores, às suas famílias, a quantos são vítimas das redes do tráfico de seres humanos e às pessoas deslocadas por causa de conflitos, desastres naturais e perseguições. Todos eles esperam que tenhamos a coragem de abater o muro daquela cumplicidade cómoda e muda que agrava a sua situação de abandono e que centremos sobre eles a nossa atenção, a nossa compaixão e a nossa dedicação.

Dou graças a Deus pelo trabalho e o serviço que prestais e exorto-vos a continuar os vossos esforços para ir ao encontro deste grito dos nossos irmãos, que nos pedem para os reconhecer como tais e para lhes dar a oportunidade de viver com dignidade e em paz, favorecendo assim o desenvolvimento dos povos. E concedo a todos vós a Bênção Apostólica.

Vaticano, 14 de junho de 2018

FRANCISCO

Intervenção do cardeal secretário de Estado

Humanidade que ninguém deve ignorar

Publicamos excertos da intervenção pronunciada pelo cardeal secretário de Estado durante a sessão da manhã do colóquio que teve lugar na Casina Pio IV.

PIETRO PAROLIN

Infelizmente hoje constatamos que desafios cada vez mais urgente e complexos caracterizam o fenómeno migratório, enquanto muitos dos problemas que debatemos outrora ainda não receberam uma resposta adequada. A estes desafios procuraram responder, em 2016, os Estados membros da Onu, com a *Declaração de Nova Iorque*, empreendendo caminhos de diálogo, de consulta e de negociação, quer no âmbito da responsabilidade que cada qual tem na proteção dos refugiados, quer numa gestão partilhada do fenómeno migratório em geral.

Trata-se de processos em curso que, com o Papa Francisco, esperamos que possam levar a inverter a lógica da globalização da indiferença, substituindo-a com a globalização da solidariedade que, atenta às necessidades e às justas expectativas dos povos autóctones, saiba ajudar também quem, na família humana, se encontra numa condição de necessidade e em situações de vulnerabilidade.

Enquanto estão a decorrer em Genebra as consultas para a adoção, por parte das Nações Unidas, de um pacto mundial sobre os refugiados, nesta ocasião quisemos concentrar a atenção no processo de negociação paralelo, atualmente em curso em Nova Iorque, para a adoção, sob o patrocínio das Nações Unidas, de um “Pacto mundial para uma migração segura, ordenada e regular”, que tem como cofacilitadores os chefes das missões permanentes do México e da Suíça.

Trata-se de uma tarefa difícil, considerando que o clima internacional objetivamente mudou em relação a 2016, por causa da falta de disponibilidade de muitos países para conciliar as justas exigências da soberania nacional com a urgente necessidade de responder a nível mundial às razões de quem é obrigado a abandonar o próprio país devido a guerras, violações dos direitos humanos, catástrofes naturais ou condições de pobreza extrema.

Contudo, aumenta a tendência a adotar agendas políticas que se opõem à chegada de migrantes até antes que seja estabelecido o seu direito à proteção. Por outro lado, a questão migratória requer, por parte dos Estados, um forte compromisso político e humanitário para manter as obrigações assumidas a nível internacional. Por conseguinte, é indispensável que os Estados continuem a apoiar um sistema multilateral, que hoje é necessário reforçar e rever, para acompanhar aquilo que a Igreja definiria como “sinais dos tempos” e para enfrentar de maneira eficaz e adequada aos desafios da nossa época.

Se uma certa desconfiança entre os membros da família das nações causa facilmente a busca de fechamentos dentro das fronteiras nacio-

nais e de políticas baseadas unicamente na gestão das emergências, há todavia uma dimensão de humanidade que ninguém se pode permitir ignorar.

A Santa Sé participa ativamente nestes processos de busca de um acordo sobre a gestão partilhada das situações de migrantes e refugiados, não para interferir nas decisões que pertencem aos Estados – os quais, como afirma também o Papa Francisco, têm capacidades e possibilidades de acolhimento diversas, com base na própria situação política, social e económica – mas para recordar os princípios de humanidade e de fraternidade, os únicos que garantem uma harmoniosa vida de relação. Ignorá-los, todos estamos cientes disto, levaria a um retrocesso em relação aos princípios que fundam a comunidade internacional, a relação recíproca entre os Estados e a própria coesão social de cada país.

Se, por um lado, se reconhece a cada pessoa o direito de emigrar, por outro, existe também um direito primário a permanecer no respetivo país em condições de segurança e dignidade. Por conseguinte, é necessário, em primeiro lugar, defender o direito de cada pessoa a não se ver obrigada a emigrar e a fazer respeitar os próprios direitos na sua terra de origem, cooperando ativamente para o seu desenvolvimento. Os fatores que obrigam as pessoas a abandonar a própria casa e país contribuem para fluxos migratórios desordenados, imprevisíveis e perigosos. É evidente, por exemplo, que as guerras, sobretudo com o comércio incontrolado de armas e a terrível chaga da corrupção que o incentiva, impedem qualquer progresso social e económico durante gerações e impõem às pessoas a partir.

É, pois, indispensável que a cooperação internacional defenda o direito de cada um a permanecer na própria terra. Quando isto não for possível, a colaboração entre os Estados é necessária como nunca durante todo o processo migratório. De facto, embora o status dos migrantes incida sobre as suas possibilidades de solicitar uma melhor proteção e serviços específicos, há contudo uma assistência de base à qual todos têm direito, fundada no respeito pelos seus direitos humanos e liberdades fundamentais. Isto refere-se ao acesso aos serviços sociais elementares (como saúde, educação, justiça e alojamento adequado) e abrange, mesmo se de maneiras diversas, todos os países concernidos, quer eles sejam de trânsito, de chegada ou de repatriação.

O futuro Pacto mundial sobre as migrações servirá de quadro comum, global, favorável e indicativo para as migrações internacionais. Mesmo que não seja vinculante, a sua autoridade dependerá do bom uso que dele se fizer. A Santa Sé e o México têm boas razões para esperar que este pacto possa contribuir para fazer com que a migração internacional seja mais segura, ordenada, regular e responsável, sem descuidar migrante algum.

Publicamos a seguir o texto da mensagem do Papa Francisco para o segundo Dia mundial dos pobres, que será celebrado no 32º domingo do tempo comum — este ano, a 18 de novembro — sobre o seguinte tema: «Este pobre grita e o Senhor o escuta».



Este pobre grita e o Senhor o escuta

1. «Este pobre grita e o Senhor o escuta» (Sl 34, 7). As palavras do salmista tornam-se também as nossas no momento em que somos chamados a encontrar-nos com as diversas condições de sofrimento e marginalização em que vivem tantos irmãos e irmãs nossos que estamos habituados a designar com o termo genérico de “pobres”. Quem escreve aquelas palavras não é estranho a esta condição, bem pelo contrário. Faz experiência direta da pobreza e, apesar disso, transforma-a num cântico de louvor e de agradecimento ao Senhor. Também a nós hoje, imersos em tantas formas de pobreza, este salmo permite que compreendamos quem são os verdadeiros pobres para os quais somos chamados a dirigir o olhar, para escutar o seu grito e conhecer as suas necessidades.

É-nos dito, antes de mais, que o Senhor escuta os pobres que clamam por Ele e que é bom para com os que n’Ele procuram refúgio, com o coração despedaçado pela tristeza, pela solidão e pela exclusão. Escuta os que são espinhados na sua dignidade e, apesar disso, têm a força de levantar o olhar para as alturas, para receber luz e conforto. Escuta os que são perseguidos em nome de uma falsa justiça, oprimidos por políticas indignas deste nome e atormentados pela violência; mesmo assim sabem que têm em Deus o seu Salvador. O que emerge desta oração é, antes de mais, o sentimento de abandono e de confiança num Pai que escuta e acolhe. Em sintonia com estas palavras podemos compreender mais a fundo o que Jesus proclamou com a bem-aventurança: «Ben-aventurados os pobres em espírito, porque deles é o Reino dos céus» (Mt 5, 3).

Em virtude desta experiência única e, sob muitos aspetos, inercida e impossível de se exprimir plenamente, sente-se, no entanto, o desejo de a comunicar a outros, antes de mais aos que, como o salmista, são pobres, rejeitados e marginalizados. Com efeito, ninguém pode sentir-se excluído pelo amor do Pai, especialmente num mundo que frequentemente eleva a riqueza ao primeiro ob-

Mensagem para o dia mundial de 18 de novembro

Não podemos ficar indiferentes ao grito dos pobres

jetivo e que faz com que as pessoas se fechem em si mesmas.

2. O Salmo caracteriza com três verbos a atitude do pobre e a sua relação com Deus. Antes de mais, “gritar”. A condição de pobreza não se esgota numa palavra, mas torna-se um grito que atravessa os céus e chega até Deus. Que exprime o grito dos pobres, que não seja o seu sofrimento e a sua solidão, a sua desilusão e esperança? Podemos perguntar-nos: como é que este grito, que sobe até à presença de Deus, não consegue chegar aos nossos ouvidos e nos deixa indiferentes e impassíveis? Num Dia como este, somos chamados a fazer um sério exame de consciência, de modo a compreender se somos verdadeiramente capazes de escutar os pobres.

É do silêncio da escuta que precisamos para reconhecer a voz deles. Se falarmos demasiado, não conseguiremos escutá-los. Muitas vezes, tenho receio que tantas iniciativas, apesar de meritorias e necessárias, estejam mais orientadas para nos satisfazer a nós mesmos do que para acolher realmente o grito do pobre. Nesse caso, no momento em que os pobres fazem ouvir o seu grito, a reação não é coerente, não é capaz de entrar em sintonia com a condição deles. Está-se tão presos na armadilha de uma cultura que obriga a olhar-se ao espelho e a acudir de sobremaneira a si mesmos, que se considera que um gesto de altruísmo pode ser suficiente para deixar satisfeitos, sem se deixar comprometer diretamente.

3. Um segundo verbo é “responder”. O Senhor, diz o salmista, não só escuta o grito do pobre, como também responde. A sua resposta, como está atestado em toda a história da salvação, é uma participação cheia de amor na condição do pobre. Foi assim, quando Abraão apresentava a Deus o seu desejo de ter uma descendência, apesar de ele e a mulher Sara, já idosos, não terem filhos (cf. Gn 15, 1-6). Aconteceu quando Moisés, através do fogo de uma sarça que ardia sem se consumir, recebeu a revelação do nome divino e a missão de tirar o povo do Egito (cf. Ex 3, 1-15). E esta resposta confirmou-se ao longo de todo o caminho do povo no deserto: quando sentia os flagelos da fome e da sede (cf. Ex 16, 1-16; 17, 1-7) e quando caía na pior miséria, que é a da infidelidade à aliança e da idolatria (cf. Ex 32, 1-14).

A resposta de Deus ao pobre é sempre uma intervenção de salvação para cuidar das feridas da alma e do corpo, para repor a justiça e para ajudar a recuperar uma vida com dignidade. A resposta de Deus é também um apelo para que quem acredita n’Ele possa proceder de igual modo, dentro das limitações do que é humano. O Dia Mundial dos Pobres pretende ser uma pequena resposta que, de toda a Igreja, dispersa por todo o mundo, é dirigida

aos pobres de todos os tipos e de todas as terras para que não pensem que o seu grito tenha caído no vazio. Provavelmente, é como uma gota de água no deserto da pobreza; e, contudo, pode ser um sinal de partilha para com os que estão em necessidade, para sentirem a presença ativa de um irmão e de uma irmã. Não é de um ato de delegação que os pobres precisam, mas do envolvimento pessoal de quem escuta o seu grito. A solididade dos crentes não pode limitar-se a uma forma de assistência — mesmo se esta é necessária e providencial num primeiro momento — mas requer aquela «atenção de amor» (Exort. Apost. *Evangelii gaudium*, 199) que honra o outro enquanto pessoa e procura o seu bem.

4. Um terceiro verbo é “libertar”. O pobre da Bíblia vive com a certeza que Deus intervém a seu favor para lhe restituir a dignidade. A pobreza não é procurada, mas é criada pelo egoísmo, pela soberba, pela avidez e pela injustiça. Males tão antigos como o homem, mas mesmo assim continuam a ser peccados que implicam tantos inocentes, conduzindo a consequências sociais dramáticas. A ação com a qual o Senhor liberta é um ato de salvação para com os que lhe apresentaram a sua tristeza e angústia. As amarras da pobreza são quebradas pelo poder da intervenção de Deus. Muitos salmos narram e celebram esta história da salvação que encontra correspondência na vida pessoal do pobre: «Ele não desprezou nem repeliu a angústia do pobre, nem escondeu dele a sua face, mas atendeu-o quando lhe pediu socorro» (Sl 22, 25).

Poder contemplar a face de Deus é sinal da sua amizade, da sua proximidade, da sua salvação. «Pusestes os olhos na minha miséria e conhecestes as angústias da minha vida; [...] colocastes os meus pés num lugar espaçoso» (Sl 31, 8-9). Dar ao pobre um “lugar espaçoso” equivale a libertá-lo do “laço do caçador” (cf. Sl 91, 3); a “retirá-lo da armadilha montada no seu caminho, para que possa caminhar desimpedido e encetar a vida com olhar sereno. A salvação de Deus toma a forma de uma mão estendida ao pobre, que oferece acolhimento, protege e permite sentir a amizade de que precisa. É a partir desta proximidade concreta e palpável que tem início um genuíno processo de libertação: «Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe que sejam dóceis e atentos, para ouvir o cla-

mor do pobre e socorrê-lo» (Exort. Apost. *Evangelii gaudium*, 187).

5. Para mim é um motivo de comissão saber que tantos pobres se identificaram com Bartimeu, de quem fala o evangelista Marcos (cf. 10, 46-52). O cego Bartimeu «estava sentado a pedir esmola à beira do caminho» (v. 46) e, tendo ouvido dizer que Jesus estava a passar, «começou a gritar» e a invocar o «Filho de David» para que tivesse piedade dele (cf. v. 47). «Muitos reprendiam-no para que se calasse, mas ele gritava cada vez mais» (v. 48). O Filho de Deus escutou o seu grito: «Que queres que Eu te faça?». É o cego respondeu-lhe: “Rabuni, que eu veja de novo” (v. 51). Esta página do Evangelho torna visível o que o salmo anunciava como promessa. Bartimeu é um pobre que se encontra privado de capacidades fundamentais, como ver e trabalhar. Meios percurtos, também hoje, conduzem a formas de precariedade, pela soberba, pela avidez e pela injustiça. A falta de meios elementares de subsistência, a marginalidade quando se deixa de estar no pleno das próprias formas de trabalho, as diversas formas de escravidão social, apesar dos progressos levados a cabo pela humanidade... Quantos pobres, como Bartimeu, estão hoje à beira da estrada e procuram um



Kostas Kufajorgias, «Poverty»



sentido para a sua condição! Quantos são os que se interrogam fundo o porquê de ter chegado ao fundo deste abismo e sobre o modo de sair dele! Esperam que alguém se aproxime deles e diga: «Coragem! Levanta-te, que Ele está a chamar-te» (v. 49).

Infelizmente, verifica-se com frequência que, pelo contrário, as vezes que se ouvem são as da repressão e do convite a calar-se e aguentar. São vezes desafiadas, muitas vezes determinadas por uma aversão aos pobres, considerados não apenas como pessoas indigentes, mas também como gente que traz insegurança, instabilidade, desorientação das atividades diárias e, por isso, gente que deve ser rejeitada e mantida ao longe. Há uma tendência a criar distância entre nós e eles, e não nos damos conta que, deste modo, nos tornamos distantes do Senhor Jesus que não os rejeita, mas os chama a Si e os consola. Como soam apropriadas neste caso as palavras do profeta sobre o estilo de vida do crente: «Quebrar as cadeias injustas, desatar os laços da servidão, pôr em liberdade os oprimidos, destruir todos os jugos [...], reparir o pão com o faminto, dar pousada aos pobres sem abrigo, levar roupa ao que não tem que vestir» (Is 58, 6-7). Este modo de agir permite que o pecado seja perdoado (cf. 1 Pd 4, 8), que a justiça faça o seu caminho e que, quando formos nós a gritar ao Senhor, Ele responda e diga: “Estou aqui!” (cf. Is 58, 9).

6. Os pobres são os primeiros a estar habilitados para reconhecer a presença de Deus e a dar testemunho da sua proximidade na vida deles. Deus permanece fiel à sua promessa e, mesmo na escuridão da noite, não deixa que falte o calor do seu amor e da sua consolação. Contudo, para superar a opressiva condição de pobreza, é necessário que eles se apercebam da presença de

irmãos e irmãs que se preocupam com eles e que, ao abrir a porta do coração e da vida, fazem com que eles se sintam amigos e familiares. Apenas deste modo podemos descobrir «a força salvífica das suas vidas» e «colocá-los no centro do caminho da Igreja» (Exort. Apost. *Evangelii gaudium*, 198).

Neste Dia Mundial somos convidados a tornar concretas as palavras do salmo: «Os pobres hão de comer e se alegrar satisados» (Sl 22, 27). Sabemos que, no templo de Jerusalém, depois do rito do sacrifício, tinha lugar o banquete. Em muitas dioceses, esta foi uma das experiências que, no ano passado, enriqueceu a celebração do primeiro Dia Mundial dos Pobres. Muitos encontraram a calor de uma casa, a alegria de uma refeição festiva e a solidariedade dos que quiseram partilhar a mesa de mansa carne e fraterna. Gostaria que, também este ano, bem como no futuro, este Dia fosse celebrado com a marca da alegria pela redescoberta da capacidade de estar juntos. Rezar juntos em comunidade e partilhar a refeição no dia de domingo. Uma experiência que nos leva de volta à primeira comunidade cristã, que o evangelista Lucas descreve com toda a sua originalidade e simplicidade: «Os irmãos eram assíduos ao ensino dos Apóstolos, à comunhão fraterna, à fração do pão e às orações. [...] Todos os que haviam abraçado a fé viviam unidos e tinham tudo em comum. Vendiam propriedades e bens e distribuíam o dinheiro por todos, conforme as necessidades de cada um» (At 2, 42.44-45).

7. São inúmeras as iniciativas que, todos os dias, a comunidade cristã leva a cabo para dar um sinal de proximidade e de conforto às muitas formas de pobreza que estão diante dos nossos olhos. Muitas vezes, a colaboração com outras realidades, que têm como motor não a fé, mas a solidariedade humana, consegue prestar uma ajuda que, sozinhas, não poderemos realizar. Reconhecer que, no imenso mundo da pobreza, mesmo a nossa intervenção é limitada, frágil e insuficiente leva a estender as mãos aos outros, para que a colaboração recíproca possa atingir o objetivo de maneira mais eficaz. Somos movidos pela fé e pelo imperativo da caridade, mas sabemos reconhecer ou-

tras formas de ajuda e solidariedade que se propõem em parte os mesmos objetivos; desde que não descuidemos o que nos é próprio, isto é, levar todos a Deus e à santidade. O diálogo entre as diversas experiências e a humildade de prestar a nossa colaboração, sem qualquer espécie de protagonismo, é uma resposta adequada e plenamente evangélica que podemos realizar.

Diante dos pobres não se trata de jogar para ter a primazia da intervenção, mas podemos reconhecer humildemente que é o Espírito quem suscita gestos que são sinal da resposta e da proximidade de Deus. Quando descobrimos o modo de nos aproximarmos dos pobres, sabemos que a primazia lhe pertence a Ele que abriu os nossos olhos e o nosso coração a conversão. Não é de protagonismo que os pobres precisam, mas de amor que sabe esconder-se e esquecer o bem realizado. Os verdadeiros protagonistas são o Senhor e os pobres. Quem se coloca ao serviço é instrumento nas mãos de Deus para fazer reconhecer a sua presença e a sua salvação.

É São Paulo quem o recorda, quando escreve aos cristãos de Corinto, que competiam entre si nos carismas procurando os mais prestigiosos: «O olho não pode dizer à mão: “Não preciso de ti”; nem a cabeça pode dizer aos pés: “Não preciso de vós”» (1 Cor 12, 21). O Apóstolo faz uma consideração importante, observando que os membros do corpo que parecem mais fracos são os mais necessários (cf. v. 22); e que os que nos parecem menos honrosos cuidamos-os com maior consideração, e os menos decorosos são tratados com maior decência, ao passo que os que são mais decorosos não precisam de tais cuidados» (vv. 23-24). Ao ministrar um ensinamento fundamental sobre os carismas, Paulo elege também a comunidade para a atitude evangélica para com os seus membros mais fracos e necessitados. Longe dos discípulos de Cristo sentimentos de desprezo e de pietismo para com eles; pelo contrário, são chamados a honrá-los, a dar-lhes precedência, convictos de que eles são uma presença real de Jesus no meio de nós. «Tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim o fizestes» (Mt 25, 40).

8. Aqui compreende-se como o nosso modo de viver é diferente do do mundo, que louva, segue e imita os que têm poder e riqueza, ao passo que marginaliza os pobres e os considera um refúgio e uma vergonha. As palavras do Apóstolo são um convite para conferir plenitude evangélica à solidariedade para com os membros mais fracos e menos dotados do Corpo de Cristo: «Se um membro sofre, todos os membros sofrem com ele; se um membro é honrado, todos os membros se alegram com ele» (1 Cor 12, 26). Na mesma linha, na Carta aos Romanos exorta-nos: «Alegrai-vos com os que estão alegres, chorai com os que choram. Tende os mesmos sentimentos uns para com os outros. Não aspireis às grandezas, mas conformai-vos com o que é humilde» (12, 15-16). Esta é a vocação do discípulo de Cristo; o ideal para o qual se deve tender com perseverança é assimilar cada vez mais em nós os «sentimentos de Cristo Jesus» (Fl 2, 5).

9. Uma palavra de esperança torna-se o epílogo natural para o qual a fé orienta. Muitas vezes, são mesmo os pobres a colocar em crise a nossa indiferença, filha de uma visão da vida, demasiado imanente e ligada ao presente. O grito do pobre é também um grito de esperança com a qual ele dá mostras da certeza de ser libertado. A esperança, que se aligera o amor de Deus que não abandona quem n’Ele confia (cf. Rm 8, 31-39). Escrevia Santa Teresa de Ávila no seu *Caminho de perfeição*: «A pobreza é um bem que encerra em si todos os bens do mundo; assegura-nos um grande domínio; quero dizer que nos torna senhores de todos os bens terrenos, uma vez que nos leva a desprezá-los» (2, 5). É na medida em que somos capazes de discernir o verdadeiro bem que nos tornamos ricos diante de Deus e sábios diante de nós mesmos e dos outros. E mesmo assim: na medida em que se consegue dar um sentido justo e verdadeiro à riqueza, cresce-se em humanidade e torna-se capaz de partilha.

10. Convindo os irmãos bispos, os sacerdotes e, de modo particular, os diáconos, a quem foram impostas as mãos para o serviço aos pobres (cf. At 6, 1-7), juntamente com as pessoas consagradas e tantos leigos e leigas que nas paróquias, nas associações e nos movimentos tomam palpável a resposta da Igreja ao grito dos pobres, a viver este Dia Mundial como um momento privilegiado de nova evangelização. Os pobres evangelizam-nos, ajudando-nos a descobrir cada dia a beleza do Evangelho. Não deixemos cair no vazio esta oportunidade de graça. Neste dia, sintamos todos devotados para com eles, a fim de que, estendendo reciprocamente as mãos um ao outro, se realize o encontro salvífico que sustenta a fé, torna eficaz a caridade e habilita a esperança para prosseguir com firmeza pelo caminho em direção ao Senhor que vem.

Vaticano, 13 de junho de 2018
Memória litúrgica de Santo António de Pádua.



Durante a apresentação da mensagem para o dia mundial dos pobres

Convite ao encontro com o sofrimento

A mensagem do Pontífice foi apresentada na manhã de 14 de junho, na Sala de imprensa da Santa Sé, pelo arcebispo presidente do Pontifício conselho para a promoção da nova evangelização — de cuja intervenção publicamos a parte final — e pelo subsecretário do mesmo dicastério, monsenhor Graham Bell.

RINO FISICHELLA

Com este Dia, a Igreja tenciona confirmar a solicitude da comunidade cristã por quantos vivem à margem da sociedade devido à sua condição de pobreza. Assim adquire consistência a tradição, fortemente desejada pelo Papa Francisco em 2016, de celebrar um Dia mundial dedicado aos pobres. Em plena adesão a este magistério, a atenção do Santo Padre e da Igreja quer ser uma chamada, para a comunidade cristã, à escuta que depois se transforma em

res que estamos acostumados a designar com o termo “pobres”. Diante deste sofrimento multifforme e deste grito de ajuda impõe-se a primeira clamorosa verdade sobre a qual esta mensagem se fundamenta: o Senhor escuta! A esperança de um Deus que escuta é proclamada a quantos, por sua vez, procuram o abraço do Pai. Portanto, ninguém pode sentir-se excluído do amor de Deus; especialmente num mundo que muitas vezes eleva a riqueza a primeiro objetivo, fechando as pessoas em si mesmas. Por conseguinte, o grito do pobre não é vão! Não só, esta dimensão relacional de grito-escuta recorda que todas as iniciativas de ajuda e assistência devem ser inseridas nesta perspectiva de encontro com o outro e não, ao contrário, no circuito fechado da autossatisfação das consciências. Em síntese, é uma vigorosa provocação a escutar a voz do pobre que brada.

nhor responde! Para quantos vivem na indigência, esta certeza ilumina uma noite muitas vezes sem fim, que não conhece a alvorada. Provavelmente, o Dia mundial dos pobres não curará todas as feridas que dilaceram a vida de quantos vivem às margens; e no entanto, quer ser um sinal de esperança e uma provocação a tornar-se instrumentos vivos de misericórdia no vasto tecido da sociedade, da comunidade e do encontro pessoal. «Provavelmente, é como uma gota de água no deserto da pobreza; e, contudo, pode ser um sinal de partilha para com os que estão em necessidade» (n. 3), dado que a consciência de uma gota acende a esperança de uma chuva refrescante. Portanto, esta libertação é o dom que a mão estendida de Deus oferece ao pobre, através dos fiéis e das comunidades que se fazem instrumentos nas suas mãos.

Por conseguinte, trata-se de um Dia no qual se celebra o encontro com o próximo. Foi nesta moldura que se imaginaram algumas iniciativas sugeridas à Igreja inteira e que hão de encontrar uma forma concreta também no Vaticano, por obra do Pontifício conselho para a promoção da nova evangelização, com a ajuda de alguns financiadores, aos quais agradeço desde já.

As 9h30 de domingo, 18 de novembro, o Papa encontrar-se-á com os pobres, acompanhados pelas associações e pelos grupos paroquiais, juntos, na basílica de São Pedro, onde será celebrada a Santa Eucaristia. Em seguida, o Papa Francisco participará no almoço, na sala Paulo VI, com cerca de 3.000 pobres, que será oferecido por “Rome Cavalieri — Hilton Itália”, em colaboração com “Ente morale Tabor”. Simultaneamente, nas numerosas paróquias que aderiram a esta iniciativa, nos centros de voluntariado e alguns colégios e escolas, cada um segundo as próprias possibilidades, será oferecido um almoço aos pobres, como momento de festa e partilha. «Em muitas dioceses, esta foi uma das experiências que, no ano passado, enriqueceu a celebração do primeiro Dia

mundial dos pobres. Muitos encontraram o calor de uma casa, a alegria de uma refeição festiva e a solidariedade dos que quiseram partilhar a mesa de maneira simples e fraterna» (n. 6). Como se exprime o Papa Francisco na mensagem: «Gostaria que, também este ano, bem como no futuro, este Dia fosse celebrado com a marca da alegria pela redescoberta capacidade de estar juntos. Rezar juntos em comunidade e partilhar a refeição no dia de domingo» (ibidem).

No sábado 17, como preparação, será celebrada uma vigília de oração na basílica de São Lourenço fora dos Muros, para todas as associações de voluntariado e para quantos, como verdadeiros agentes de misericórdia, diariamente e com discrição, prestam serviço de assistência às pessoas que vivem estas realidades difíceis.

Depois dos resultados encorajadores alcançados na precedente edição, com quase 600 pessoas indigentes que puderam receber tratamentos médicos gratuitos, será repetida a experiência dos postos de saúde. Durante a semana inteira, de segunda-feira 12 a domingo 18, será montado na praça Pio XII um posto de saúde onde, desde as primeiras horas da manhã, serão oferecidos cuidados médicos de diferentes especializações: dermatologia, doenças infecciosas, cardiologia, ginecologia e andrologia, oftalmologia, podologia e análises clínicas com respostas a curtíssimo prazo. Até hoje deram a própria disponibilidade, além do departamento de saúde do Vaticano, também os respetivos especialistas da policlínica “Gemelli”, da Universidade católica do Sagrado Coração e da Universidade de Tor Vergata. Estamos à espera de outras adesões significativas nos próximos dias.

Portanto, o apelo é dirigido às associações, às paróquias e a todas as realidades que trabalham no âmbito da assistência aos pobres, a fim de que possam ajudar ulteriormente quantos estão em necessidade, a beneficiar deste serviço, superando a natural desconfiança que muitas vezes caracteriza tais situações. Provavelmente, o posto de saúde funcionará até altas horas da noite.

Com esta mensagem, o Papa Francisco dirige-se a todos os fiéis individualmente, através das paróquias e dos grupos de voluntariado, a fim de que dirijam ainda mais o olhar para os pobres, a fim de ouvir o seu grito muitas vezes silencioso mas expresso pelo olhar eloquente, e para reconhecer as suas necessidades. Contudo, o convite visa não esquecer que a pobreza social, para a qual se deseja chamar a atenção neste Dia, é somente uma das múltiplas formas de pobreza de que o homem moderno sofre. O pobre ao qual, simbolicamente, se estende a mão, como recorda o logótipo do Dia mundial dos pobres, representa a humanidade inteira que, na experiência quotidiana, sabe que tem necessidade tanto do abraço de Deus, como da atenção e da solidariedade dos irmãos.



intervenção, em ação concreta, para afirmar em voz alta a rejeição da indiferença e da impassibilidade que afligem este período histórico mais do que outros. Trata-se de um convite ao encontro com as várias formas de sofrimento e marginalização em que vivem muitos homens e mulhe-

Por fim, com as palavras do Salmo, o Papa Francisco transmite uma mensagem de grande esperança, introduzindo uma expressão de enorme impacto: «Procurei o Senhor, Ele respondeu-me». É desarmante a simplicidade com a qual se exprime o êxito desta busca! Portanto, o Se-

Às teatinas da Imaculada Conceição

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 4

O mundo precisa também do vosso testemunho de vida fraterna em comunidade. Não é fácil a vida fraterna, não é fácil. Há sempre desentendimento sobre alguma coisa, para falar mal. É verdade? Sempre, sempre. Não é bom falar mal na família. É feio, mas há um remédio, um medicamento muito bom para não falar mal: morder a língua. Ela incha, mas não se fala mal. Experimentai! Portanto, espiritualidade de comunhão, a espiritualidade do viver juntos, de modo que o caminho comunitário se torne uma “santa peregrinação” (cf. Exort. ap. *Evangelii gaudium*, 87). Afastando as críticas, as bisbilhotices, as rivalidades, e praticando ao contrário o acolhi-

mento e a atenção recíproca, a partilha dos bens materiais, o respeito pelas pessoas mais débeis (cf. *Carta a todos os consagrados*, 21 de novembro de 2014, II, 3). Isto é muito importante: cuidar dos idosos. Não os deixeis na enfermaria, abandonados, não. Ide ter com eles, ouvi-os — são a memória — acariciai-os. Não vos esqueçais dos idosos. Ressoe sempre nos vossos corações o testamento da Fundadora: “Amai-vos reciprocamente. Respeitai-vos reciprocamente. Cada uma procure o bem da outra”. Este é um bom caminho de santidade! Deste modo encarnareis o mandamento do amor onde viveis e trabalhais: nas escolas, nas paróquias, nas casas de cura, em cada lugar onde com a vida

e com a palavra leveis o Evangelho de Cristo. Assim sereis sempre construtoras de comunhão dentro do vosso Instituto e fora dele (cf. João Paulo II, Exort. ap. pós-sin. *Vita consecrata*, 51).

Maria Imaculada, que venerais como modelo e padroeira, vos obtinha a graça de serdes mulheres apaixonadas por Cristo e pela humanidade; de vos pordes continuamente a caminho para servir os mais necessitados, como ela fez na Visitação (cf. *Lc 1, 39*); de saber estar onde é necessária a vossa presença como discípulas do Senhor e mulheres consagradas (cf. *At 1, 14*).

Para tudo isto vos concedo de coração a minha bênção. E vós, por favor, não vos esqueçais de rezar por mim. Obrigado.

Por uma nova ética do trabalho

O Papa denunciou as desigualdades sociais e invocou responsabilidade e transparência

«Renovar o trabalho em sentido ético significa renovar toda a sociedade, banindo a fraude e a mentira, que envenenam o mercado, a convivência civil e a própria vida das pessoas, sobretudo das mais débeis», afirmou o Papa no discurso que dirigiu aos participantes no congresso nacional da Federação de mestres do trabalho da Itália, que recebeu em audiência na manhã de sexta-feira, 15 de junho, na Sala Paulo VI.

Amados irmãos e irmãs!

Bom dia e sede bem-vindos! Sinto-me feliz por me encontrar convosco por ocasião do vosso Congresso nacional, que representa uma preciosa oportunidade de partilha e também de reflexão, sobre alguns temas fundamentais para a nossa sociedade e o nosso mundo.

É importante a contribuição que, como Mestres do Trabalho da Itália e seguindo diversos caminhos, destes para o crescimento de um contexto social mais inclusivo e digno para todos. Neste sentido, a vossa Federação representa um exemplo de compromisso e de serviço ao bem comum. Além disto, considerado o solene reconhecimento público recebido por cada um dos seus membros, ela carrega o peso de uma responsabilidade maior, e o dever de uma dedicação constante e incansável.

Desde a histórica Encíclica *Rerum novarum* do Papa Leão XIII, a doutrina social da Igreja colocou o trabalho no centro das questões que dizem respeito à sociedade. O trabalho está no centro da própria vocação dada por Deus ao homem, de prolongar a sua ação criadora e, através da sua livre iniciativa e da sua opinião, realizar um domínio sobre outras criaturas que se traduza

não em servilismo despótico, mas em harmonia e respeito.

Somos chamados a contemplar a beleza deste projeto divino, que se funda na concórdia, entre os seres humanos e com os outros seres vivos e com a natureza. Ao mesmo tempo, olhamos com preocupação para a atual condição da humanidade e da criação, que trazem profundamente impressos os sinais do pecado, sinais de inimizade, de egoísmo, de cego privilégio de si. Quantas pessoas



ainda permanecem excluídas do progresso económico! Quantos irmãos nossos sofrem esmagados por violências e guerras, ou devido à degradação do ambiente natural! Quantos, ainda, estão oprimidos pela marginalidade na qual são relegados, ou sofrem devido à carência de perspectivas positivas para o futuro, e por conseguinte de esperança!

Nunca nos deixem passivos nem indiferentes a debilidade e o sofrimento

que tocam tantas pessoas, mas que possamos tornar-nos cada vez mais capazes de os reconhecer nos rostos dos irmãos, a fim de procurar aliviá-los. Que sejamos cada vez mais solícitos em procurar restituir, a quem a perdeu, a esperança da qual precisa para viver; com efeito, ela representa, de certa forma, o primeiro e mais fundamental direito humano, antes de tudo dos jovens. O direito à esperança, aquela esperança hoje cancelada para tantas

através do tempo graças ao cuidado daqueles aos quais estão confiados, e a inigualável herança de arte e cultura na Itália constitui um potencial único, que deve ser capitalizado com políticas prudentes e estratégias a longo prazo. Por conseguinte, também a vós, Mestres do Trabalho, compete a tarefa moral e civil de difundir, promover e ampliar o cuidado do “Bel Paese” (cf. F. Petrarca, *Cancioneiro*, CXLVI, v. 13).

Ao perseguir este objetivo, a questão moral emerge como primária. Ela é justamente posta no centro da vida da Fundação, que se inspira nos valores da «retidão, responsabilidade e transparência» (*Codice Etico*, art. 1), e se propõe viver, testemunhar e difundir estes mesmos princípios em todo o contexto social, especialmente no laboral. De facto, renovar o trabalho em sentido ético significa renovar toda a sociedade, banindo a fraude e a mentira, que envenenam o mercado, a convivência civil e a própria vida das pessoas, sobretudo das mais débeis.

Para realizar isto, ou seja, para testemunhar os valores humanos e evangélicos em cada contexto e circunstância, é necessária uma propensão para a coerência na própria vida. Coerência na vida e harmonia na própria vida. É preciso conceber a totalidade da própria vida «como missão» (cf. Exort. ap. *Gaudete et exsultate*, 23): uma missão harmoniosa.

Só com este espírito oblativo, unicamente se o amor aos irmãos arder dentro de nós como um “combustível espiritual” — o qual, diversamente dos fósseis, não se esgota mas multiplica-se com o uso — o nosso testemunho será deveras eficaz e capaz de incendiar, mediante a caridade, todo o nosso mundo. «Vim atear fogo na terra; e que mais quero, se já está aceso?» (*Lc* 12, 49). A nós, hoje, está confiada esta chama; a nós é concedido o Espírito do Senhor, Espírito de força, participação, santidade e misericórdia: «Eis aqui agora o tempo favorável» (2 *Cor* 6, 2).

Sejam nossas guias, neste caminho árduo mas entusiasmante, as Bem-Aventuranças de Jesus no Evangelho (cf. *Mt* 5, 3-11); Exort. ap. *Gaudete et exsultate*, 67-94): nos levem a olhar sempre com amor para o próprio Jesus, o qual se encarnou na sua Pessoa; nos mostrem que a santidade não diz respeito só ao espírito, mas também aos pés, para ir ao encontro dos irmãos, e às mãos, a fim de partilhar com eles. Nos ensinem a nós e ao nosso mundo a não desconfiar nem a deixar à mercê das ondas quem abandona a sua terra, faminto de pão e de justiça; nos levem a não viver do supérfluo, a comprometermo-nos pela promoção de todos, a inclinarmos-nos com compaixão sobre os mais débeis. Sem a ilusão cômica de que, da mesa rica de poucos, possa “chover” automaticamente o bem-estar para todos. Isto não é verdade.

Desejo-vos um proveitoso caminho associativo e sobretudo bom trabalho! Peço-vos, por favor, que rezeis também por mim, e invoque sobre vós e sobre os vossos familiares a bênção de Deus. Obrigado!

Ao Fórum das associações familiares

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 3

uma «participação ativa e responsável das famílias na vida cultural, social e política» (2.1.b.), e da «promoção de políticas familiares adequadas, que tutelem e sustentem as funções da família e os seus direitos» (2.1.c.). Além disso, no âmbito da escola, continuei a favorecer um maior interesse da parte dos pais e a incentivar muitas famílias a um estilo de participação. Não vos canséis de apoiar o crescimento da natalidade na Itália, sensibilizando as instituições e a opinião pública sobre a importância de dar vida a políticas e estruturas mais abertas ao dom dos filhos. É um autêntico paradoxo que o nascimento dos filhos, que constitui o maior investimento para um país e a primeira condição da sua prosperidade futura, represente muitas vezes para as famílias uma causa de pobreza, devido à escassa ajuda que elas recebem, ou à ineficiência de muitos serviços.

Estas e outras problemáticas devem ser enfrentadas com firmeza e caridade, demonstrando que a sensibilidade que leveis em frente a propósito da família não deve ser etiquetada como confessional, para a poder acusar — injustamente — de parcialidade. Ao contrário, ela fundamenta-se na dignidade da pessoa humana e por isso pode ser reconhecida e partilhada por todos, como acontece quando, até em contextos institucionais, nos referimos ao “Fator Família” como elemento de avaliação política e operacional, multiplicador de riqueza humana, económica e social.

Agradeço-vos mais uma vez este encontro. Exorto-vos a dar continuidade ao vosso compromisso ao serviço da família e da vida, enquanto invoco sobre todos os membros do Fórum a Bênção de Deus e a proteção da Sagrada Família de Nazaré. Por favor, não vos esqueçais de rezar por mim.

pessoas... O primeiro direito humano: o direito à esperança.

A esperança num futuro melhor passa sempre pela própria atividade e empreendedorismo, portanto pelo próprio trabalho, e nunca apenas pelos meios materiais dos quais se dispõe. Com efeito, não há segurança económica alguma, nem qualquer forma de assistencialismo, que possa garantir plenitude de vida e realização pessoal. Não podemos ser felizes sem a possibilidade de oferecer a própria contribuição, pequena ou grande que seja, para a construção do bem comum. Cada pessoa pode dar a sua contribuição — aliás, deve — de modo a não se tornar passiva, nem a sentir-se alheia à vida social.

Por este motivo, uma sociedade que não se baseie no trabalho, que não o promova concretamente, e que pouco se interesse por quem é excluído, estaria condenada à atrofia e ao multiplicar-se das desigualdades. Ao contrário, uma sociedade que, em espírito subsidiário, procure fazer frutificar as potencialidades de cada mulher e homem, seja qual for a sua proveniência e idade, respirará deveras a plenos pulmões, e poderá superar os maiores obstáculos, bebendo de um capital humano quase inextinguível, e fazendo com que cada um seja capaz de se tornar artífice do próprio destino, segundo o projeto de Deus. Tornar-se artífice: aquela dimensão “artesanal” do desenvolvimento da própria vida, aquela dimensão pessoal do trabalho.

No debate destes dias de Congresso, relacionastes a temática do trabalho com o riquíssimo património ambiental, artístico e cultural italiano, que representa para o país o bem comum mais precioso. Com efeito, os tesouros do passado vivem

Missas matutinas em Santa Marta

Segunda-feira, 11 de junho

O verdadeiro protagonista

O mandamento de Jesus é claro: «Ide, pregai, fazei discípulos». Mas o que significa deveras «evangelizar»? Explicam-no as duas leituras da liturgia do dia sobre as quais meditou o Papa Francisco. Dos trechos dos Atos dos Apóstolos (11, 21-26; 13, 1-3) e do Evangelho de Mateus (10, 7-13), sublinhou o Pontífice, «podemos haurir três dimensões da evangelização» que, em síntese, «é anúncio, serviço e gratuidade».

Em primeiro lugar, devemos compreender que a evangelização «não é uma simples pregação, é um anúncio, é muito mais»: com efeito, o anúncio «mexe connosco, entra, muda os corações». E o motivo, disse Francisco, é simples: «porque dentro há o Espírito Santo. Sem o Espírito Santo não há evangelização». E «ele é o protagonista da evangelização, nós somos os servos. Mas é ele que nos leva em frente». Portanto, «quando não há o Espírito existem apenas as nossas capacidades», pode haver «também a nossa fé, mas sem o Espírito não vamos em frente; os nossos corações não mudam».

Usando um neologismo singular e eficaz, o Papa explicou que o anúncio «bofetada», ou seja, atinge de maneira direta, «avança, muda as coisas». E de facto, acrescentou, «muitas vezes, vimos planos pastorais bem concebidos, perfeitos, como devem ser feitas as coisas, passo a passo, mas que não constituíam um instrumento para a evangelização, eram um fim em si mesmos. E estes planos pastorais falharam». Porque? «Porque não foram capazes de mudar os corações» respondeu o Pontífice, frisando que Jesus não exige «uma atitude empresarial», mas a docilidade ao Espírito. «A verdadeira coragem da evangelização – disse – não é uma teimosia humana», mas encontra-se no Espírito Santo. Em síntese: anúncio significa ir em frente», fazendo «coisas bem concebidas, bem rezadas», mas sempre «com o Espírito como protagonista».

Além disso, há o segundo elemento: «o serviço». Inclusive sob este ponto de vista «Jesus é claro» e aos discípulos ordena: «Curai os doentes, ressuscitai os mortos, purificai os leprosos, expulsai os demónios». Ou seja, a evangelização «com o anúncio traz também o serviço». Se faltar esta dimensão, pode parecer um anúncio «mas não o é». A presença do Espírito é fundamental, e «o Espírito não só te leva em frente para proclamar a verdade do Senhor e a vida do Senhor, mas acompanha-te também ter com os irmãos, com as irmãs, para os servir», até «nas pequenas coisas». A este respeito, o Papa constatou outro aspeto negativo na vida da Igreja: «Não é bom – disse – quando se encontram evangelizadores que se fazem servir e vivem para serem servidos. É horrível». É a triste realidade de quantos se consideram «príncipes da evangelização» e pensam «eu vou ali, em vez de anunciar, com o Espírito e com o serviço, deixo-me servir pelos outros porque subi os degraus da

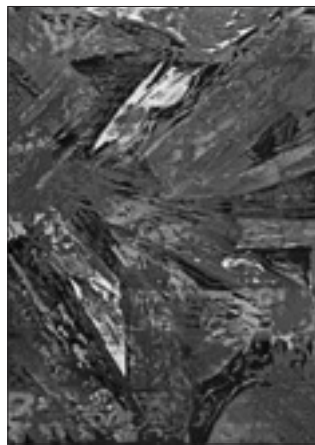
Igreja, da sociedade, agora dei mais um passo em frente...». Comentou Francisco: «Fazer carreirismo na Igreja é sinal que não se sabe o que significa a evangelização. É um sinal. As pessoas que usam os outros para serem servidos. Não: tu deves servir! Quem manda deve ser como aquele que serve, diz o Senhor».

Terceiro elemento é «a gratuidade». O Senhor afirma: «Recebeste de graça, de graça daí!». Um princípio, explicou o Pontífice, para o qual não há exceções, a não ser que alguém possa afirmar: «Não, eu salvei-me graças aos meus méritos». Mas, acrescentou imediatamente: «Penso que entre nós não há ninguém cujos méritos sejam suficientes para a salvação: todos nós fomos salvos gratuitamente por Jesus Cristo e, por conseguinte, devemos dar gratuitamente». É uma lição para todos «os agentes pastorais», os quais «devem aprender o seguinte»: que «a sua vida deve ser gratuita, dedicada ao serviço, ao anúncio, que o Espírito trouxe».

Terça-feira, 12 de junho

A santidade de todos os dias

O testemunho do cristão é de «24 horas», porque «começa de manhã quando me levanto e continua até à



Barbara Zagorski
«Porta de todos os santos»

noite quando vou dormir». É um testemunho simples, anónimo, humilde, que não pretende reconhecimentos nem méritos. O Papa Francisco mencionou de novo a eficaz imagem evangélica que exorta a ser sal e luz para os outros e propôs «apenas uma reflexão sobre o nosso testemunho que pode fazer-nos bem», como sugeriu no início da homilia, referindo-se ao trecho do Evangelho de Mateus (5, 13-16). «O maior testemunho do cristão – afirmou – é dar a vida como Jesus fez, tornar-se um mártir, mártir e testemunha». Mas, acrescentou, «há também outro testemunho: o diário, tes-

temunho que começa de manhã, quando acordo, até à noite quando vou para a cama; o testemunho quotidiano, o simples testemunho habitual».

«O Senhor diz que este testemunho é ser como o sal e a luz, aliás, tornarmo-nos sal e luz», explicou Francisco. Na realidade «parece pouco, porque o Senhor com as nossas poucas coisas faz milagres, faz maravilhas».

Eis porque, insistiu o Papa, «o cristão deve ter esta atitude de humildade: procurar ser apenas sal e luz». Portanto, ser «sal para os outros, luz para os outros, porque o sal não dá sabor a si mesmo» mas está «sempre ao serviço». E assim também «a luz não ilumina a si mesma» pois está «sempre ao serviço».

Por conseguinte, «sal para os outros» é a missão do cristão: «Pequeno sal que ajuda nas refeições, mas pequeno». De resto, «no supermercado o sal não é vendido à tonelada» mas «em pequenos saquinhos: é suficiente». E depois, prosseguiu, «o sal não se vangloria, porque não serve a si mesmo: está sempre ali para ajudar os outros, ajudar a conservar os alimentos, a dar sabor». Um «testemunho simples».

Portanto, «o cristão» deve ser «sal» e também «luz», insistiu Francisco. E «a luz não ilumina a si mesma: ela ilumina os outros, existe para os outros, para as pessoas, para nos ajudar nas horas da noite, na escuridão». É precisamente este o estilo de «ser cristão diariamente». Eis então que «o Senhor nos diz: «É sal, é luz» – «Ah, verdade! Senhor é assim, atrairei muitas pessoas à igreja e farei...» – «Não, farás com que os outros vejam e glorifiquem o Pai. A ti não será atribuído mérito algum»».

De facto, explicou o Papa, «quando comemos não comentamos: «como é bom o sal!»»; dizemos se for o caso: «boa a massa, gostosa a carne!». Mas «não dizemos: «sal gostoso!»». E «à noite quando voltamos para casa não dizemos: «boa a luz!»». Ignoramos a luz, mas vivemos com ela, que ilumina».

«Esta é uma dimensão que faz com que nós cristãos sejamos anónimos na vida», reiterou o Pontífice. De facto «não somos protagonistas dos nossos méritos, como aquele fariseu: «Dou-te graças Senhor porque sou um santo»». Francisco repropôs «a simplicidade do testemunho cristão», sugerindo que «uma boa oração para todos nós, no final do dia, seria questionar-se: hoje fui sal? Fui luz?». Precisamente «esta é a santidade de todos os dias» concluiu o Papa, desejando «que o Senhor nos ajude a compreender isto».

Quinta-feira, 14 de junho

O insulto pode matar

«Do insulto à reconciliação, da inveja à amizade: eis o percurso que Jesus nos oferece hoje» e que o Papa relaciona, insistindo sobre a gravidade da atitude de quem recorre ao insulto: um verdadeiro «homicídio» com que procuramos dominar e can-

celar a voz e a dignidade dos outros, talvez até durante o trânsito da hora de ponta. E convidou a prestar atenção especial às pessoas portadoras de deficiência, alertando contra o uso da palavra «deficiente» como ofensa.

Para a sua reflexão, o Papa inspirou-se no trecho evangélico de Mateus (5, 20-26), proposto pela liturgia. «Para nos explicar bem o ensinamento sobre a relação de amor e caridade com os nossos irmãos – observou – o Senhor usa um exemplo muito claro, diário: «Põe-te sem demora de acordo com o teu adversário, enquanto estiveres a caminho com ele, para que não suceda que te entregue ao juiz, e o juiz te entregue ao seu ministro e sejas posto na prisão»».

Trata-se de um «princípio» de «sabedoria humana: é sempre melhor um mau acordo do que uma boa demanda», recordou Francisco, reiterando que «chegar ao processo é o último» passo, porque «é algo do qual não se volta atrás; é tornar definitiva uma atitude de inimizade, até de guerra». E é «por isso que os políticos sábios aconselham sempre: «Cheguemos a uma solução negociada deste problema político, desta questão tão tensa, para evitar uma guerra»».

Portanto, «com este exemplo que todos entendiam, pois era um exemplo de todos os dias – afirmou o Papa – Jesus vai além e explica o problema dos insultos». A ponto que «se lermos isto um pouco superficialmente, nos faz rir, pois estes insultos são antiquados, hoje não se usam». Sem dúvida, observou Francisco, «temos uma lista de insultos mais espirituosos, mais folclóricos, mais coloridos, não é?».

«Mas o Senhor vai em frente – prosseguiu o Pontífice – e é severo porque diz: «Ouvistes o que foi dito aos antigos: não matarás». Portanto, Jesus «parte disto, do matar», e afirma: «Mas Eu vos digo, todo aquele que se irar contra o seu irmão será castigado pelos juizes. Aquele que disser ao seu irmão: «tolo» e também «louco» será condenado».

Em síntese, explicou o Papa, «o Senhor diz: o insulto tem consequências; o insulto é uma porta que se abre, significa começar um caminho que acabará – eu disse no início: «Não matarás» – por matar, pois o insulto é o início do matar, é um desqualificar o outro, tirar-lhe o direito de ser respeitado, significa pô-lo de lado, eliminá-lo da sociedade».

«Estamos habituados a respirar o ar dos insultos», reconheceu Francisco. De resto, «é suficiente conduzir o carro na hora de ponta: ali há um carnaval de insultos, as pessoas são criativas quando insultam». Mas «o insulto separa, fragmenta a comunidade e mata o outro, começa por privar a pessoa da sua boa fama, e depois vai além, além, além».

Até «os pequenos insultos – digamos pequenos – que por acaso se dizem na hora de ponta, quando guiamos o carro, depois se tornam grandes». E «insultos não só de boca: de corações».

Precisamente «isto mata: o insulto».

Ver além das estrelas

Discurso à escola de verão do Observatório astronómico do Vaticano

Se a tarefa do cientista é conhecer o universo, a do homem de fé é reconhecer nele «a Causa Primeira de tudo, escondida aos instrumentos de medição», disse o Papa aos participantes na Escola de verão de astrofísica promovida pelo Observatório astronómico do Vaticano, recebidos em audiência na manhã de 14 de junho, na Sala Clementina. Depois da saudação do diretor, o jesuíta Guy Consolmagno, o Pontífice dirigiu aos presentes o seguinte discurso.

Estimados amigos!

Dou as boas-vindas a todos vós, professores e estudantes deste curso de verão organizado pelo Observatório astronómico do Vaticano. Provindes de muitos países e culturas diversas, e tendes diferentes especialidades. Isto recorda-nos que a diversidade pode unir para um objetivo comum de estudo e que o sucesso do trabalho depende também de tal diversidade, porque é precisamente da colaboração entre pessoas de várias origens que pode nascer uma compreensão comum do nosso universo.

O tema da vossa pesquisa deste ano refere-se às estrelas variáveis à luz das novas e grandes investigações astronómicas. Estes estudos provêm do esforço colaborativo de muitas nações e do trabalho conjunto de vários cientistas. Como se ma-

nifestará claramente nesta escola, só trabalhando juntos, em equipe, é que podeis dar um sentido a todas estas novas informações.

O universo é imenso e, à medida que a nossa compreensão sobre ele

vai crescendo, aumenta também a necessidade de aprender a gerir o fluxo de informações que nos chegam de tantas fontes. Talvez o modo com o qual for gerida esta quantidade de dados pode dar esperança até a quantos no mundo se sentem invadidos pela revolução informática da Internet e dos *social media*.

À luz de todas estas informações e deste enorme universo, sentimo-nos pequenos e podemos ser tentados a pensar que somos insignificantes. Com efeito, não há nada de novo neste medo. Há mais de dois mil anos, o Salmista escreveu: «Quando contemplo o firmamento, obra dos vossos dedos, a lua e as estrelas que lá fixastes: que é o homem, digo-me então, para pensardes nele?». E prosseguiu: «Entretanto, vós o fizestes quase igual aos anjos, de glória e honra o coroastes» (Sl 8, 4-6).

É sempre importante, como cientistas e como crentes, iniciar admitindo que há muita coisa que não sabemos. Mas é também importante nunca ficar satisfeito por permanecer num agnosticismo cómodo. Assim como nunca devemos pensar que sabemos tudo, do mesmo modo nunca deveríamos ter medo de procurar aprender mais.

Conhecer o universo, pelo menos em parte; ter consciência do que sabemos e do que não sabemos, e do modo como proceder para saber mais: esta é a tarefa do cientista. Depois, existe outro olhar, o metafísico, que reconhece a Causa Primeira de tudo, escondida aos instrumentos de medição. E outro olhar ainda, o da fé, que acolhe a Revelação. A harmonia destes diversos níveis de conhecimento leva-nos à compreensão; e a compreensão — esperamos — abre-nos à Sabedoria.

Também neste sentido podemos entender “a glória e a honra” das quais fala o Salmista, a alegria de um trabalho intelectual como o vosso, o estudo da astronomia. Através de nós, criaturas humanas, este universo pode tornar-se, por assim dizer, ciente de si mesmo e Daquela que nos criou: é o dom — com a relativa responsabilidade — que nos foi oferecido como seres pensantes e racionais neste cosmos.

Mas como seres humanos somos mais que pensantes e racionais. Somos também pessoas com um sentido de curiosidade que nos impele a saber mais; criaturas que se esforçam por aprender e partilhar o que aprenderam, pelo gosto de o fazer. E somos pessoas que amam o que fazem e que descobrem no amor pelo universo uma prova daquele amor divino que, contemplando a criação, declarou que era bom.

Como se sabe, Dante escreveu que é o amor que move o sol e as estrelas (cf. *Paraíso*, XXXIII, 145). Possa também o vosso trabalho ser “movido” pelo amor: amor pela verdade, amor pelo próprio universo e amor de cada um de vós pelo outro, trabalhando juntos na diversidade.

Com estes votos, cordialmente invoco abundantes bênçãos do Senhor sobre vós e sobre o vosso trabalho. Obrigada.



O insulto pode matar

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 12

E «o insulto cancela o direito da pessoa: “Não, não o ouças, ele é assim e assim...”». Mas com estas palavras «apedreja-se aquela pessoa, ela já não tem direito de falar, já não terá direito à palavra: a sua voz foi anulada».

Nesta perspectiva, «podemos perguntar por que o insulto é tão perigoso e por que tem a força de matar e de desqualificar o outro, de o pôr de lado».

A questão, explicou, é que «muitas vezes o insulto nasce da inveja». Por exemplo, não insultamos uma pessoa com «deficiência» mental ou temperamental», pois esta «deficiência não me ameaça». A ponto que, quando nos encontramos pe-

rante «uma criança deficiente, uma pessoa inválida, de cadeira de rodas, não temos vontade de as insultar». Mas «quando alguém faz algo que não me agrada, insulto-o, fazendo-o passar por “deficiente”: mental, social, familiar, sem capacidade de integração».

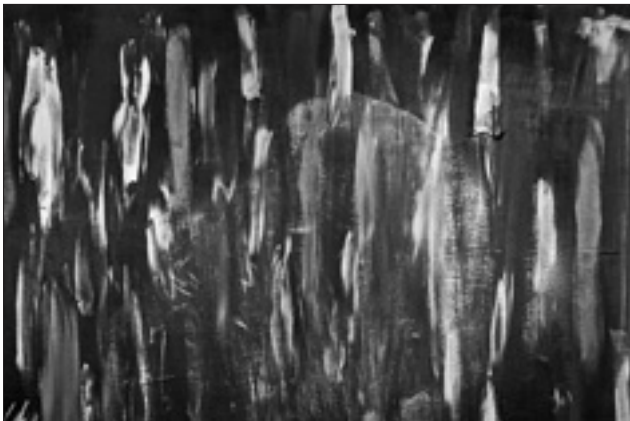
«Por isso», insistiu, o insulto «mata: mata o futuro de uma pessoa, mata o percurso de uma pessoa». Mas «é a inveja que abre a porta, pois quando alguém me ameaça de algum modo, a inveja leva-me a insultá-lo: ali há quase sempre a inveja».

«O livro da Sabedoria — observou o Pontífice — diz-nos que entrou a morte no mundo devido à inveja do diabo: é a inveja que traz a morte». Quanto a nós, «podemos di-

zer: “a inveja é um pecado estranho, não tenho inveja de ninguém”. Na realidade, sugeriu o Papa, pensemos bem na «inveja escondida, que se não for ocultada é forte, é capaz de te tornar amarelo, verde, como o líquido biliar quando estás doente: pessoas com a alma amarela, com a alma verde por causa da inveja que as leva a insultar, a destruir o próximo».

Além disso, Francisco observou que «Jesus impede este percurso — “Não, isto não se faz” — a ponto que se rezares, fores à missa e te aperceberes que um dos teus irmãos tem algo contra ti, primeiro reconcilia-te com eles». O Senhor «é de veras radical», recordando que «a reconciliação não é uma atitude de boas maneiras: é uma atitude radical, uma atitude que procura respeitar a dignidade do outro, e também a minha». Em síntese, «do insulto à reconciliação, da inveja à amizade: eis o percurso que Jesus nos oferece hoje».

Nesta linha, o Papa propôs também um exame de consciência: «Fornos-á bem pensar: como insulto eu?». Isto não significa fazer «a lista de todos os palavrões que sei contra os outros; não, isto não». Mas é bom perguntar: «Como insulto eu? Quando insulto eu? Quando separo o outro do meu coração com um insulto?». E «ver se nele há a raiz amarga da inveja, que me leva a desejar destruir o outro para o dominar na concorrência». Embora «isto não seja fácil», Francisco concluiu convidando a pensar como seria «bom nunca insultar: bom, porque assim permitimos que os outros cresçam». E «que o Senhor nos conceda esta graça!».



Nandar, «Desprezo»

Apresentado o quarto tomo do «De servorum Dei beatificatione et beatorum canonizatione»

Homenagem ao prefeito dos santos

NICOLA GORI

Com uma cordial homenagem ao cardeal Angelo Amato, que a 8 de junho completou oitenta anos, foi inaugurado o quarto volume da celebríssima obra de Prospero Lambertini, o qual sucessivamente se tornou Papa de 1740 a 1758 com o nome de Bento XIV. O tomo que acabou de ser publicado do *De servorum Dei beatificatione et beatorum canonizatione. La beatificazione dei servi di Dio e la canonizzazione dei beati* (IV, 1, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 2018, 754 páginas) foi apresentado aos responsáveis e aos funcionários do dicastério na manhã de 8 de junho.

A dedicatória em latim, que se encontra na abertura do livro, percorre as principais etapas do serviço prestado por Angelo Amato como teólogo e como prelado na Cúria romana no momento em que está prestes a concluir o decénio durante o qual desempenhou o cargo de prefeito na Congregação para as causas dos santos. De facto, foi Bento XVI, a 2 de julho de 2008, quem o quis na chefia do dicastério, depois de ele ter sido seu «fiel colaborador».

Nasceu em Molfetta – «ilustre filho da Igreja da Puglia» lê-se na dedicatória – e ao deixar a terra natal juntamente com uma promissora carreira, entrou na sociedade salesiana de Dom Bosco. Inicialmente, no aspirantado de Torre Annunziata, depois no noviciado de Portici Bellavista e, por fim, no estudantado filosófico de São Gregório em Catânia. Sucessivamente, transferiu-se para Roma onde obteve a licenciatura em filosofia e teologia no Pontifício ateneu salesiano.



Cardeal Angelo Amato

Ordenado sacerdote a 22 de dezembro de 1967, o jovem Angelo Amato, depois do doutoramento em teologia na Pontifícia universidade Gregoriana, foi enviado pelo Secretariado para a unidade dos cristãos à Grécia, onde inicialmente transcorreu quatro meses na residência ateniense dos jesuítas para a preparação linguística com o objetivo de se matricular na universidade. Inscreveu-se na faculdade de teologia em Salónica e a seguir frequentou as lições de história dos dogmas de Jannis Kaloghírou e as de dogmática sistemática de Jannis Romanidis.

Paralelamente, o jovem teólogo levou a cabo uma pesquisa sobre o sacramento da penitência na teologia greco-ortodoxa do século XVI ao século XX, publicada depois na colectânea «Análekta Vlatádon». Ao regressar para Roma, ensinou cristologia na faculdade de teologia da Pontifícia universidade salesiana, da qual foi decano de 1981 a 1987 e, sucessivamente, de 1994 a 1999.

No dia 19 de dezembro de 2002 João Paulo II nomeou-o secretário da Congregação para a doutrina da fé, guiada por mais de vinte anos pelo cardeal Joseph Ratzinger. E a 6 de janeiro de 2003 recebeu a ordenação episcopal das mãos do Papa Wojtyła na basílica do Vaticano.

Durante os dez anos na chefia da Congregação para as causas dos santos, a qual nesta ocasião deseja ao purpurado «todo o bem com coração grato», foram canonizados 100 beatos e beatificados 1233 veneráveis. Entre os primeiros: Ângela de Foligno, Pedro Favre, Francisco de Laval, José de Anchieta, João XXIII, João Paulo II, Teresa de Calcutá, José Gabriel del Rosario Brochero, Francisca e Jacinta Marto. Nos 146 ritos de beatificação celebrados, quase sempre presididos nos cinco continentes pelo cardeal prefeito, foram elevados às honras dos altares, entre outros, Giuseppe Puglisi, Odoardo Focherini, Álvaro del Portillo, Paulo VI, Óscar Arnulfo Romero.

Outros beatos, cujos milagres foram reconhecidos nos últimos meses, serão canonizados no próximo dia 14 de outubro. Com efeito, no consistório ordinário público para a votação sobre algumas causas de canonização, que foi realizado a 19 de maio, o Papa Francisco anunciou que serão elevados às honras dos altares Giovanni Battista Montini, o arcebispo mártir de San Salvador, juntamente com dois sacerdotes diocesanos italianos, uma irmã alemã e uma religiosa espanhola.

E acerca de milagres fala-se no texto de Prospero Lambertini acabado de publicar e que foi dedicado ao cardeal Amato. Trata-se do quarto tomo da edição original em latim, que na versão italiana foi subdividida em três partes. Como explica o capuchinho Vincenzo Criscuolo, relator geral do dicastério, na apresentação do volume, o tema particular de toda a primeira parte deste tomo «faz referência unicamente às questões relativas aos milagres». Há alguns «fios condutores», ou «orientações de fundo», que «animam praticamente toda a abordagem sobre os milagres».

O primeiro é constituído pela convicção de Lambertini, o qual afirmava que a Igreja, «ou melhor a Congregação dos Ritos, age com muita seriedade e de maneira escrupulosa nos complexos procedimentos relativos à aprovação dos milagres». O segundo é representado pela importância fundamental reservada ao parecer dos médicos na avaliação das curas milagrosas, sobretudo em relação «à gravidade da doença e da obtenção instantânea da cura». O terceiro refere-se ao desejo do futuro Bento XIV de «preparar com a sua obra uma guia segura e critérios oportunos de discernimento para os consultores da então Congregação dos Ritos, na formulação do seu julgamento sobre os eventos milagrosos». E um último fio condutor é constituído «pela referência contínua e constante a vários peritos da ciência médica do seu tempo». Por fim, é interessante o capítulo sobre «a divina cura extraordinária de aleijados e impossibilitados de caminhar». Em particular, faz-se referência a um milagre atribuído à intercessão de Teresa de Ávila. Uma criança de quatro anos, coxa de nascença, não conseguia estar de pé nem sequer deitada se conseguia mover. A criança foi levada para a cela do mosteiro onde morara Teresa de Jesus e, no último dia da novena, sarou instantaneamente. Foi anotado que «ficou livre das contrações e começou a andar rapidamente com os seus pés». Este facto foi atribuído pelos auditores da Rota a um milagre de segundo grau, «ou seja, tendo em conta a gravidade da enfermidade, da oração precedente e da cura obtida de forma rápida e perfeita». Por intercessão da grande Teresa.

Beatificada em Caracas a madre Carmen Rendiles

Mulher da ternura



Fieis em oração diante do túmulo da madre Carmen na capela do Colégio Belén de Caracas

Na Venezuela, em toda a parte, floresce a santidade, «muitas vezes desconhecida, de pais e mães de família, de jovens, de crianças, que com as suas virtudes enobrecem a Igreja e a sociedade». Eles são um «reflexo da presença e da misericórdia de Deus no meio de nós», disse o cardeal Angelo Amato durante a beatificação da madre Carmen Rendiles Martínez (1903-1977), fundadora das irmãs servas de Jesus (servas de Jesus da Venezuela). O rito, presidido pelo prefeito da Congregação para as causas dos santos em representação do Papa Francisco, realizou-se em Caracas no dia 16 de junho.

O cardeal Amato evocou as palavras do Pontífice que fri-

sim que a santidade é o rosto mais bonito da Igreja. A tal propósito, o purpurado acrescentou que os santos são também «o rosto mais bonito da Venezuela, porque na sua vida sempre praticaram o bem, sobretudo aos pequeninos e aos necessitados». Com efeito, eles são «extraordinários benfeitores da humanidade, com a sua atenção pela educação dos jovens e com o seu apostolado de caridade sem confins para com todos». E o país sul-americano, prosseguiu, sob este ponto de vista é «uma terra bendita que, sob o olhar materno de Nossa Senhora de Coromoto, viu florescer continuamente a santidade dos seus filhos e filhas». Evocou a beati-

ficção, realizada em maio de 1995 por João Paulo II, da irmã María de San José (1875-1967), fundadora das irmãs agostinianas recolectas do Sagrado Coração de Jesus; e treze anos depois, em Caracas, a 27 de abril de 2008, a da madre Candelaria de San José, fundadora das hermanas carmelitas venezolanas. Outros discípulos de Jesus repropostos pelo celebrante foram o venerável José Gregorio Hernández (1864-1919), médico, cientista e professor universitário, «homem de profunda sabedoria espiritual, do qual a Igreja em 1986 reconheceu a heroicidade das virtudes»; e os servos de Deus Aristides Calvani e Adela Abbo Fontana, cônjuges «ambos engajados no testemunho do Evangelho nesta terra tão rica de história e de todos os dons da natureza e de graça». Em relação à nova beata, madre Carmen, disse que foi «uma mulher fiel à sua consagração religiosa até ao fim». Repetia com frequência as palavras que lhe disseram no dia em que entrou no convento: «Vieste de tua vontade, agora e para toda a vida. Não aprecio as jovens que divorciam ou que entram no convento e depois saem». Em toda a sua vida madre Carmen «amou e honrou a sua vocação e manteve-se fiel

CONTINUA NA PÁGINA 15

INFORMAÇÕES

Audiências

O Papa Francisco recebeu em audiências particulares:

A 14 de junho

D. Silvano Maria Tomasi, Nuncio Apostólico; o Senhor Cardeal Antonio Cañizares Llovera, Arcebispo de Valencia (Espanha); e D. Filippo Iannone, Presidente do Pontifício Conselho para os Textos Legislativos.

A 15 de junho

Os Senhores Cardeais Mario Zenari, Nuncio Apostólico na Síria; e Francesco Coccopalmerio, Presidente Emérito do Pontifício Conselho para os Textos Legislativos.

A 16 de junho

O Senhor Cardeal Marc Ouellet, Prefeito da Congregação para os Bispos.

A 18 de junho

D. Joseph Spiteri, Nuncio Apostólico no Líbano.

Sua Ex.^{cia} o Senhor Alfons M. Kloss, Embaixador da Áustria, em visita de despedida.

Sua Alteza o Príncipe Jaime Bernardo de Bourbon de Parme, Embaixador dos Países Baixos, em visita de despedida.

Os seguintes Prelados da Conferência Episcopal do Uganda, em visita «ad limina Apostolorum»: D. John Baptist Odama, Arcebispo de Gulu; D. Sabino Ocan Odoki, Bispo de Arua; D. Giuseppe Franzelli, Bispo de Lira; D. Sanctus Lino Wanok, Bispo de Nebbi; D. Cyprian Kizito Lwanga, Arcebispo de Kampala; D. Paul Ssemogerere, Bispo de Kasana-Luweero; D. Joseph Antony Zziwa, Bispo de Kiyinda-Mityana; D. Christopher Kakooza, Bispo de Lugazi; D. John Baptist Kagwa, Bispo de Masaka; D. Paul K. Bakyenga, Arcebispo de Mbarara, com o Auxiliar

D. Lambert Bainomugisha; D. Robert Kasajja Muhirwa, Bispo de Fort Portal; D. Vincent Kirabo, Bispo de Hoima; D. Callistus Rubaramira, Bispo de Kabale; D. Francis Aquirinus Kibira, Bispo de Kasese; D. Emmanuel Obbo, Arcebispo de Tororo; Administrador Apostólico «sede vacante et ad nutum Sanctae Sedis» de Soroti; D. Charles Martin Wamika, Bispo de Jinja; D. Giuseppe Filippi, Bispo de Kotido; e D. Damiano Giulio Guzzetti, Bispo de Moroto.

Renúncias

O Santo Padre aceitou a renúncia:

No dia 15 de junho

De D. Rodolfo Pedro Wirz Kraemer, ao governo pastoral da Diocese de Maldonado – Punta del Este (Uruguai).

De D. Guillermo Rodríguez-Melgarejo, ao governo pastoral da Diocese de San Martín (Argentina).

No dia 16 de junho

De D. Cándido Cárdenas Villalba, ao governo pastoral da Diocese de Benjamín Aceval (Paraguai).

No dia 18 de junho

D. Michael Smith, ao governo pastoral da Diocese de Meath (Irlanda).

Nomeações

O Sumo Pontífice nomeou:

A 15 de junho

Bispo da Diocese de Maldonado – Punta del Este (Uruguai), D. Milton Luis Tróccoli Cebedio, até esta data Auxiliar de Montevideu.

Bispo de San Martín (Argentina), D. Miguel Ángel D'Annibale, até agora Bispo de Río Gallegos.

A 16 de junho

Enviado Especial à celebração do v Congresso Americano Missionário (Cam 5), que terá lugar em Santa Cruz de la Sierra (Bolívia) de 9 a 14 de julho, o Senhor Cardeal Fernando Filoni, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos.

Nuncio Apostólico no Uruguai, D. Martin Krebs, até esta data Nuncio Apostólico na Nova Zelândia, Fiji, Ilhas Cook, Ilhas Marshall, Quiribati, Nauru, Palau, Samoa, Estados Federados da Micronésia, Vanuatu, Tonga e Delegado Apostólico no Oceano Pacífico.

Bispo de Benjamín Aceval (Paraguai), o Rev.^{do} Pe. Amancio Francisco Benítez Candia, do clero de Villarica del Espíritu Santo, até à presente data Diretor do Seminário Maior Nacional Propedéutico.

D. Amancio Francisco Benítez Candia nasceu a 10 de fevereiro de 1973 em Cerrogy-Itapé (Uruguai). Foi ordenado Sacerdote no dia 24 de abril de 1999.

Bispo de Carapeguá (Paraguai), o Rev.^{do} Pe. Celestino Ocampo Gaona, do clero de San Juan Bautista de las Misiones, até agora Vigário Episcopal para os Assuntos Económicos e Pároco da Catedral.

D. Celestino Ocampo Gaona nasceu em Curuzú Cuatiá (Paraguai), no dia 19 de maio de 1961. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 24 de abril de 1993.

Membro Ordinário da Pontifícia Academia das Ciências, o Senhor Professor Mohamed Hag Ali Hassan, Docente de Matemática na University of Khartoum e Presidente da Sudanense National Academy of Sciences (Sudão).

A 18 de junho

Bispo de Meath (Irlanda), o Rev.^{do} Pe. Thomas Deenihan, do clero da diocese de Cork and Ross, até hoje Secretário diocesano.

D. Thomas Deenihan nasceu em Blackpool (Irlanda), no dia 20 de junho de 1967. Foi ordenado Sacerdote a 1 de junho de 1991.

A 19 de junho

Bispo da Diocese de Tacuarembó (Uruguai), o Rev.^{do} Pe. Pedro Ignacio Wolcan Olano, do clero de Mercedes, até hoje Vigário-Geral e Pároco de Nuestra Señora del Carmen.

D. Pedro Ignacio Wolcan Olano nasceu em Nueva Helvecia (Uruguai), no dia 21 de outubro de 1953. Recebeu a Ordenação sacerdotal a 21 de setembro de 1986.

Beatificação em Caracas

CONTINUAÇÃO DA PÁGINA 14

ao propósito de se tornar santa». De facto, repetia sempre: «Desejo ser santa. Quero dizer como São Paulo: já não sou eu que vivo mas é Cristo que vive em mim». Com efeito, a sua fé era «profunda, autêntica, íntegra e madura».

As testemunhas afirmam que se «mantinha constantemente na presença de Deus com a oração, a meditação e a recitação frequente de jaculatórias». Confiando em Deus, acrescentou o cardeal Amato, a beata «abria o seu coração a todos, antes de tudo aos pobres». Fundou para as jovens necessitadas, além do colégio de Sant'Anna em Caracas, os de Mérida, Valencia e Belén. Também os sacerdotes «eram objeto da sua devoção e dos seus cuidados e para muitos se tornou sábia e materna conselheira». Era gentil e caridosa também para com as suas filhas espirituais. «Com as doentes – disse – era particularmente solícita, visitando-as, apoiando-as, servindo-as e ajudando-as de todos os modos».

Possuía «uma particular característica, feita de delicadeza, de respeito e de perdão, para com quantos a faziam sofrer». Madre Carmen foi «notável pela sua humildade».

A sua vida foi constelada de humilhações: tendo nascido com um «evidente defeito físico; bateu inutilmente à porta de muitas congregações» e «suportou com amargura

a divisão da congregação francesa na qual finalmente foi aceite e se formou». Mas, «na meditação diante do tabernáculo, obteve a graça de transformar as suas penas em dons espirituais para crescer na humildade e na santidade».

Por conseguinte, tornou-se «mestra de vida para as suas filhas espirituais». Certa vez algumas religiosas participaram numa conferência durante a qual o relator ridicularizou o hábito delas. Mortificadas, já não queriam participar. Mas a madre disse-lhes: «é assim que se obtém a humildade».

Como superiora-geral manteve «uma constante atitude de respeito e de delicadeza. Nunca desejou ser madre-geral», cargo que lhe atribuíram sempre com amabilidade. Para ela ser superiora não era uma honra mas um serviço a realizar para as irmãs com generosidade e humildade. Para ela trabalho algum era humilhante. Conta-se que se vestia pobremente e era paciente com as fragilidades humanas. «Desejava – explicou – que as suas filhas espirituais brilhassem em humildade. Sentia-se responsável até pelas falhas dos outros. Aceitava com serenidade as ofensas e o desprezo, dizendo que os merecia por causa dos seus pecados». Por isso, a Igreja na Venezuela «alegra-se hoje pela beatificação de madre Carmen Rendiles». Por esta «maravilhosa figura de mulher, consagrada inteiramente ao serviço dos pobres e necessitados».

Congregação para as causas dos santos

Promulgação de decretos

A 8 de junho, o Papa Francisco recebeu em audiência o cardeal Angelo Amato, S.D.B., prefeito da Congregação para as causas dos santos. Durante a audiência, o Pontífice autorizou a mesma Congregação a promulgar os decretos relativos:

– ao milagre, atribuído à intercessão do beato Nunzio Sulprizio, leigo; nascido em Pescosansonesco (Itália), no dia 13 de abril de 1817 e falecido em Nápoles (Itália), a 5 de maio de 1836;

– ao milagre, atribuído à intercessão da venerável serva de Deus Maria da Conceição Cabrera Arias viúva Armida, leiga e mãe de família; nascida em San Luis Potosí (México), no dia 8 de dezembro de 1862 e falecida na Cidade do México a 3 de março de 1937;

– ao milagre, atribuído à intercessão da venerável serva de Deus Maria Guadalupe Ortiz de Landázuri y Fernández de Heredia, leiga, da prelazia pessoal da Santa Cruz e do Opus Dei; nascida em Madrid (Espanha), no dia 12 de dezembro de 1916 e falecida em Pamplona (Espanha), a 16 de julho de 1975;

– ao martírio dos servos de Deus Enrico Angelo Angelelli Carletti, Bispo de La Rioja, Gabriele Giuseppe Ruggero Longueville, sacerdote diocesano, Carlo di Dio Murias, sacerdote professo da ordem dos Frades menores conventuais, e Venceslao Pedertera, leigo e pai de família; assassinados por ódio à fé na Argentina em 1976.

Durante a audiência geral o Papa Francisco falou sobre os dez mandamentos

Não escravos mas filhos

E pediu aos fiéis que o acompanhem com a oração na peregrinação a Genebra

«Deus impõe-me as coisas, ou cuida de mim?». Dando continuidade ao ciclo de catequeses dedicadas aos mandamentos, o Papa dirigiu esta pergunta aos numerosos fiéis reunidos na quarta-feira, 20 de junho, na praça de São

Pedro para a audiência geral. E convidou-os a «escolher entre uma mentalidade de escravos e uma mentalidade de filhos» porque, explicou, «a ordem é do patrão, a palavra é do Pai».

Prezados irmãos e irmãs, bom dia! Esta audiência realiza-se em dois lugares: nós, aqui na praça; e na sala Paulo VI há mais de 200 doentes, que acompanham a audiência através do grande ecrã. Todos juntos formamos uma comunidade. Saudemos com um aplauso quantos estão na sala.

Na quarta-feira passada demos início a um novo ciclo de catequeses sobre os mandamentos. Vimos que o Senhor Jesus não veio para abolir a Lei, mas para a cumprir. Contudo, devemos entender melhor esta perspectiva.

Na Bíblia, os mandamentos não vivem por si sós, mas fazem parte de um relacionamento, de uma relação. O Senhor Jesus não veio para abolir a Lei, mas para a cumprir. Existe esta relação da Aliança entre Deus e o seu Povo. No início do capítulo 20 do livro do Êxodo lemos – e isto é importante – «Deus pronunciou todas estas palavras» (v. 1).

Parece uma abertura como outras, mas na Bíblia nada é banal. O texto não diz: «Deus pronunciou estes mandamentos», mas «estas palavras». A tradição judaica chamará sempre ao Decálogo «as dez Palavras». É o termo «decálogo» quer dizer exatamente isto.² Contudo, têm forma de leis, objetivamente são mandamentos. Portanto, por que o Autor sagrado usa, precisamente aqui, o termo «dez palavras»? Por que não diz «dez mandamentos»?

Que diferença existe entre um comando e uma palavra? O comando é uma comunicação que não requer o diálogo. A palavra, ao contrário, é o meio essencial do relacionamento como diálogo. Deus Pai cria por meio da sua palavra, e o seu Filho é a Palavra que se fez carne. O amor alimenta-se de palavras, como também a educação, ou a colaboração. Duas pessoas que não se amam, não conseguem comunicar-se. Quando alguém fala ao nosso coração, a nossa solidão acaba. Recebe uma palavra, verifica-se a comunicação, e os mandamentos são palavras de Deus: Deus comunica-se nestas dez Palavras e aguarda a nossa resposta.

Uma coisa é receber uma ordem, outra coisa é sentir que alguém procura falar connosco. Um diálogo é muito mais que a comunicação de uma verdade. Eu posso dizer-vos: «Hoje é o último dia de primavera, primavera quente, mas hoje é o último dia». Esta é uma verdade, não um diálogo. Mas se eu vos disser: «Que pensais desta primavera?», começo um diálogo. Os mandamentos

são um diálogo. A comunicação realiza-se pelo prazer de falar e pelo bem concreto que se comunica entre aqueles que se amam por meio das palavras. É um bem que não consiste em coisas, mas nas próprias pessoas que doam reciprocamente no

escolher muitas vezes entre uma mentalidade de escravos e uma mentalidade de filhos. A ordem é do patrão, a palavra é do Pai.

O Espírito Santo é um Espírito de filhos, é o Espírito de Jesus. Um es-

sagrada» (Êx 19, 5-6). Esta terminologia encontra uma síntese emblemática em Lv 26, 12: «Caminharei no meio de vós: sereis o vosso Deus e vós sereis o meu povo» e chegará até ao nome pronunciado do Messias, em Isaias 7, 14 ou seja, Emanuel, que leva a Mateus: «Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um Filho, que se chamará Emanuel, que significa: «Deus conosco»» (Mt 1, 23). Tudo isto indica a natureza essencialmente relacional da fé judaica e, ao máximo grau, da fé cristã.

² Cf. também Êx 34, 28b: «E o Senhor escreveu nas tábuas o texto da aliança, as dez palavras».

³ Cf. João Paulo II, Carta Enc. *Veritatis splendor*, 12: «O dom do Decálogo é promessa e sinal da Nova Aliança, quando a lei for nova e definitivamente escrita no coração do homem (cf. Jr 31, 31-34), substituindo a lei do pecado, que aquele coração tinha deturpado (cf. Jr 17, 1). Então será dado «um coração novo», porque nele habitará «um espírito novo», o Espírito de Deus (cf. Ez 36, 24-28)».

No final da catequese, saudando os vários grupos presentes, o Santo Padre pediu aos fiéis que o acompanhem com a oração na sua peregrinação ecuménica a Genebra, programada para 21 de junho.

Saúdo com alegria os peregrinos provenientes dos países de língua alemã. O Decálogo dos mandamentos é dom da aliança de Deus com nós, homens. Vivamos como filhos a nossa relação com o Senhor, seguindo a sua palavra e o Espírito Santo que dá vida. Rezai por mim e pela peregrinação ecuménica que amanhã farei a Genebra. Que o Senhor vos proteja, a vós e aos vossos entes queridos.

Amados peregrinos de língua portuguesa, sede bem-vindos! A todos vos saúdo, com menção particular dos fiéis da paróquia Nossa Senhora Medianeira, do Paraná, e desejo que possais viver e crescer na amizade com Deus Pai, deixando que o seu amor sempre vos regenere como filhos e vos reconcilie com Ele e com os irmãos. Desça, sobre vós e vossas famílias, a abundância das suas bênçãos!

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos idosos, aos doentes e aos recém-casados. No mês de junho, a piedade popular leva-nos a rezar com mais fervor ao Sagrado Coração de Jesus. Aquele Coração Misericordioso vos ensine a amar sem nada pedir em troca, e vos ampare nas escolhas mais difíceis da vida. Orai a Ele também por mim e pelo meu ministério, mas inclusive por todos os sacerdotes, para que revigore a sua fidelidade à chamada do Senhor.



diálogo (cf. Exort. Apost. *Evangelii gaudium*, 142).

Mas esta diferença não é algo artificial. Vejamos o que aconteceu no início. O tentador, o diabo, quer enganar o homem e a mulher neste ponto: quer convencê-los de que Deus lhes proibiu comer o fruto da árvore do bem e do mal, para os manter submissos. O desafio consiste exatamente nisto: a primeira norma que Deus ofereceu ao homem foi a imposição de um despota que proíbe e obriga, ou foi o esmero de um pai que cuida dos seus filhos e os protege contra a autodestruição? É uma palavra, ou um comando? A mais trágica das várias mentiras que a serpente diz a Eva é a sugestão de uma divindade invejosa – «Mas não, Deus é invejoso de vós» – de uma divindade possessiva – «Deus não quer que tenhais liberdade». Os acontecimentos demonstram dramaticamente que a serpente mentiu (cf. Gn 2, 16-17; 3, 4-5), levando a crer que uma palavra de amor fosse uma ordem.

O homem está diante desta encruzilhada: Deus impõe-me as coisas, ou cuida de mim? Os seus mandamentos são apenas uma lei, ou contêm uma palavra, para cuidar de mim? Deus é patrão ou Pai? Deus é Pai: nunca vos esqueçais disto! Até nas situações mais negativas, pensai que temos um Pai que ama todos nós. Somos vassallos ou filhos? Este combate, dentro e fora de nós, apresenta-se continuamente: temos que

espírito de escravos não pode deixar de receber a Lei de modo opressivo, e pode produzir dois resultados opostos: ou uma vida feita de deveres e de obrigações, ou então uma reação violenta de rejeição. Todo o Cristianismo é a passagem da letra da Lei para o Espírito que vivifica (cf. 2 Cor 3, 6-17). Jesus é a Palavra do Pai, não a condenação do Pai. Jesus veio para salvar com a sua Palavra, não para nos condenar.

Vê-se quando um homem ou uma mulher viveram ou não esta passagem. As pessoas dão-se conta quando o cristão raciocina como filho ou como escravo. E nós mesmos recordamos que os nossos educadores cuidaram de nós como pais e mães, ou se somente nos impuseram regras. Os mandamentos são o caminho para a liberdade, porque constituem a palavra do pai que nos liberta neste caminho.

O mundo não tem necessidade de legalismo, mas de cuidado. Precisa de cristãos com coração de filhos.³ Há necessidade de cristãos com coração de filhos: não vos esqueçais disto!

¹ O cap. 20 do livro do Êxodo é precedido pela oferta da Aliança, no cap. 19, onde é central o pronunciamento: «Agora, pois, se obedecerdes à minha voz e guardardes a minha aliança, sereis o meu povo particular entre todos os povos. Toda a terra é minha, mas para mim vós sereis um reino de sacerdotes, uma nação con-